

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA



António José da Silva
(O Judeu)

**OBRAS
COMPLETAS**

Prefácio e notas do
Prof. José Pereira Tavares

VOLUME II



LIVRARIA SÁ DA COSTA-EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

**TEATRO
DE
ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA (O JUDEU)**

(Segundo as edições do *Teatro Cômico
Português* de 1744, 1747, 1759-1761,
1788-1792).

OS ENCANTOS DE MEDEIA

*Ópera que se representou no Teatro do
Bairro Alto de Lisboa, no mês de Maio de
1735.*

ARGUMENTO

Embarca-se Jason em Tessália na nau “Argos” e parte para a ilha de Colcos, empenhado na empresa e conquista do Velocino de ouro; e, chegando perto de Colcos, desembarca com Teseu e soldados. Manda el-rei de Colcos saber a razão do desembarque. É enganado El-Rei. Recebe a Jason na sua corte. A princesa Medeia, filha de El-Rei, e Creúsa, sobrinha do mesmo, se namoram de Jason. Concorre Medeia para o furto do Velocino com seus encantos e com eles se livra do castigo de seu pai. Repudiada Medeia por Jason, este, levando o Velocino e juntamente a Creúsa, indo já embarcados para Tessália, Medeia, zelosa, faz mover contra eles uma tempestade e com ela retroceder a nau “Argos” outra vez a Colcos, onde o rei, ofendido de Medeia, casa a Jason com Creúsa, dando-lhe o seu próprio reino. Medeia, ultimamente, desesperada por não ver a sua ofensa [vingada], desaparece pela região do ar. O mais se verá no contexto da história.

INTERLOCUTORES

Jason, sobrinho de el-rei de Tessália, sucessor do mesmo reino; *Teseu*, companheiro de Jason; *Étas*, rei de Colcos; *Telemón*, general e ministro de el-rei de Colcos; *Medeia*, princesa de Colcos; *Creúsa*, sobrinha de el-rei de Colcos; *Arpia*, criada de Medeia; *Sacatrapo*, criado de Jason; *guarda* de arceiros; *soldados*; *coro*.

CENAS DA I PARTE

- I - Mutaçãõ de mar e nele a nau “Argos” e montes ao outro lado.
- II - Mutaçãõ de sala real com trono.
- III - Mutaçãõ de sala real.
- IV - Mutaçãõ de jardim com o Velocino.

CENAS DA II PARTE

- I - Mutaçãõ de câmara.
- II - Mutaçãõ de câmara.
- III - Mutaçãõ de jardim e um monte movediço.
- IV - Mutaçãõ de montes.
- V - Mutaçãõ de sala.
- VI - Mutaçãõ de mar e montes.
- VII - Árvores recortadas (*).

(*) Não existe nas edições.

PARTE I

CENA I

Mar e montes, a nau Argos, e dela irão desembarcando Jason, Teseu, Sacatrapo e soldados, ao som de uma marcha, e dizem o seguinte, antes de desembarcarem .

Uns. Amaina, amaina!

Outros. Terra, terra!

Outros. Terra, à escota!

Teseu. Toca a desembarcar a soldadesca.

Vão desembarcando, e canta Jason a seguinte ária e

RECITADO.

Felices* argonautas valerosos,
que rompendo o cristal do falso argento,
apesar das violências de Neptuno
indignado e soberbo,
aportamos enfim com fausto auspício
nesta íncita Colcos soberana,
onde se guarda o célebre tesouro
do áureo Velocino, a cuja empresa

() Felices - felizes.*

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

de nossa amada Pátria nos partimos;
e se quisera a sorte
que com feliz progresso conquistasse
este rico despojo
para glória imortal da grega prole!
E assim, soldados meus, em cujos peitos
seu furor deposita o mesmo Marte;
e tu, valente, impávido Teseu,
de quem tantas proezas canta a fama,
agora mais que nunca valeroso,
mostrai o brio desse heróico braço;
por que veja o Universo em tanta glória
alcançar-se a mais ínclita vitória.

ÁRIA.

Não vos mova nesta empresa
nem o áureo Velocino,
nem de Colcos a riqueza;
seja só vosso destino
a cobiça do valor,
 que num peito que se inflama
por ganhar eterna fama,
o vencer é o bem maior.

Ao querer ir-se Jason, sai Telemon

Telemon. Suspende, galhardo mancebo, o passo,
pois te trago um recado da parte de meu Rei.

Jason. Dizei, que já vos atendo.

Telemon. Etas, ínclito Rei deste Reino de
Colcos, tendo aviso de haver apartado às suas
praias esta armada e desembarcado em terra tantos
soldados, sem sua licença, vos manda perguntar se
vindes de

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

paz ou se vindes de guerra; não porque tema as vossas armas, mas sim para prevenir e dar o castigo à vossa temeridade.

Jason. Valeroso soldado, dissei ao vosso Rei que a minha vinda a este porto foi casual, por impulso de uma grande tormenta e tempestade; e assim lhe segurarei que venho de paz e que pessoalmente irei à sua presença oferecer-me ao seu serviço.

Telemon. Pois, já que vindes de paz, dai-me esses braços e não vos dilateis; vinde ver ao meu Rei, que nisso terá a maior fortuna. (*Abraçam-se, e vai-se Telemon*).

Teseu. Sempre, Senhor, fizestes bem em encobrir-lhe o motivo da nossa vinda.

Jason. Teseu, enquanto descansam as armas, é preciso que peleje com astúcias o entendimento.

Sacatrapo. Senhor Jason, eu era de voto (sem ser beato*), que vossa Príncipeza mandasse que nenhum marujo saltasse em terra; porque esta gente, como vive no mar, é inimiga da terra; e assim é bem que não venham de bordo, *propter scandalum*.

Jason. Eu me admirava, Sacatrapo, que tu estivesses calado muito tempo.

Sacatrapo. Ao menos, Senhor, não me é necessário sacatrapo para tirar a minha fala do bucho.

Jason. Teseu, dai ordem a mandar fazer quartéis, e levantar barracas, para acomodar os soldados, deixando nos navios a guarnição necessária; e fio da vossa militar experiência disponhais tudo com acerto. (*Vai-se*).

(*) *Beato* - faz trocadilho com *de voto* (devoto, beato), do começo da fala.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Teseu. Já vou pôr em execução os teus preceitos.

Sacatrapo. Ah, Senhor Teseu, antes que se vá, diga-me por vida sua, aqui, que ninguém nos ouve, que diabo é isto do Velocino de ouro, que tanto traz embelezado* a meu amo, que por esse respeito deixou a sua casa, fez tantos navios, alistou tanta gente. Que será isto do Velocino?

Teseu. A ti que te importa sabê-lo?

Sacatrapo. Essa é boa! Pois não me há-de importar saber ao que vim?

Teseu. Aos soldados, como tu, não se dizem matérias tão profundas, pois a sua obrigação é só pelejar.

Sacatrapo. E, se eu morrer na guerra, não é bem que saiba o mal de que morro? Ora, Senhor, diga-me já que Velocino é este. Diga-mo já; se não, olhe que lho há-de tirar um sacatrapo do bucho.

Teseu. Homem, sabe que nesta ilha de Colcos há um célebre jardim, no qual habita um carneiro cuja pele é de ouro, e esta todos os anos se tosquia e sempre lhe nasce outra pele de ouro; a isto é que chamam Velocino.

Sacatrapo. Senhor Teseu, carneiro com pele de ouro?! Isso deve ser pele do Diabo! Para isso é necessário vir com tantas armas? Ora queira Deus não venhamos nós buscar lã e vamos tosquiados!

Teseu. Não vês que este carneiro é o maior tesouro deste reino, e para conquistá-lo, se não for por indústria, há-de ser à força de armas?

Sacatrapo. E de que tamanho será esse carneiro?

Teseu. É como os outros.

(*) *Embelezado* - encantado; entusiasmado.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Sacatrapo. Pois, se o dito carneiro é como os outros, não bastava um barco para o levar, e é necessário uma armada? E, visto isso, apanhando-se o carneiro, está acabada a empresa?

Teseu. Aí é que está a dificuldade toda, porque um feroz dragão é quem o guarda e defende, para que não o furem.

Sacatrapo. Quanto dão cada dia a esse dragão por guardar esse carneiro?

Teseu. Ora já não posso aturar as tuas perguntas. *(Vai-se).*

Sacatrapo. Pois ainda me faltavam duas cousas que perguntar. Andar; será outro dia. *(Vai-se).*

CENA II

Sala real com um trono, aonde estarão El-Rei de Colcos, Medeia e Creúsa assentados, e em pé, a um lado, Telemon e Arpia, e do outro archeiros.

Rei: Com susto e admiração espero por este embaixador.

Medeia. Eu o espero sem susto e com muito alvoroço.

Telemon. Senhor, o embaixador somente espera que Vossa Majestade o mande entrar.

Rei. Pois dize-lhe que entre. Tu, Medeia, vê se podes investigar o intento deste estrangeiro; pois vejo o meu coração inquieto com alguma confusão .

Vai-se Telemon e torna a sair com Teseu, Jason e Sacatrapo.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Jason. Íncrito Etas, Rei de Colcos, permite-me a fortuna de beijar teus pés. (*Ajoelha*).

Rei. Levantai-vos, nobre estrangeiro, e falai a minha filha Medeia, com quem reparto o meu reino.

Jason. Se as deidades se não ofendem dos sacrifícios, permiti, Senhora, que chegue a vítima de meu rendimento a acender-se nas aras do vosso respeito, dando-me a beijar a animada açucena dessa mão. Não vi mais peregrina formosura! (*À parte. Ajoelha*).

Medeia. Assim não estais bem; levantai-vos. Que galhardo mancebo! (*À parte*).

Rei. Dizei-me quem sois, para que melhor saiba estimar com o vosso nome a pessoa.

Jason. Senhor, eu sou Jason, sobrinho de EI-Rei de Tessália.

Levanta-se El-Rei do trono e Medeia, e o Rei abraça a Jason.

Rei. Senhor, perdoai, se é que merece perdão uma ignorância; porque, a saber quem éreis, vos tratara como a sobrinho de um tão grande monarca, como é EI-Rei de Tessália; e assim os meus braços serão o trono, onde melhor descanseis.

Jason. A minha maior fortuna foi o vir aos pés de Vossa Majestade, que estimo mais essa dita, que o ser sobrinho de EI-Rei de Tessália; que, por não ter filhos, me toca aquele reino, como primogênito de um irmão de EI-Rei.

Medeia. Vós, Senhor, sois digno de serdes monarca de todo o mundo. Não posso apartar os olhos dele! (*À parte*).

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Sacratrapo. Este rei Etas já tem bastante idade; é o *Ætas, ætatis**. E Jason como se está espinicando todo diante de Medeia! E mais ele, que é tuna nos ossos! (*À parte*).

Rei. Esta, Senhor, é minha sobrinha Creúsa, a quem podeis falar.

Jason. Senhora, à vista de tanto Sol, era força me cegassem os raios. Ainda excede a Medeia na formosura! (*À parte*).

Creúsa. Sendo esses raios nascidos de vossa esfera, por força hão-de luzir e cegar.

Rei. Inclito Jason, mereça a minha atenção saber o motivo da vossa viagem; pois, sendo vós um Príncipe, algum grande motivo vos deve impelir a tanto excesso.

Jason. Como não ignorais, Senhor, as guerras que há entre os reis de Creta e Corinto, por ganhar fama e exercitar-me nas armas saí com esta armada, para socorrer a El-Rei de Corinto, tanto pela obrigação de parentesco, como porque a fortuna se lhe vai mostrando adversa; e assim é necessário suspender o impulso da sua roda com o peso das minhas armas, pois ajudar aos que persegue a fortuna sempre foi brasão dos reis de Tessália, e uma grande tempestade me precisou** a arribar a este porto; mas agora vejo que há tempestades que são bonanças.

Sacratrapo. Arre lá, como mente tão airoso, e nas bochechas de um rei! (*À parte*).

Rei. Só de um generoso peito podem sair tão heróicas acções. Trazeis bons soldados?

(*) *Aetas, ætatis* - são o nominativo e o genitivo da palavra latina, donde proveio a portuguesa *idade*.

(**) *Precisar* - obrigar.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Jason. Trago a flor de toda Tessália.

Sacatrapo. E nem por isso tivemos maré de rosas.

Rei. Que dizeis?

Sacatrapo. Digo que meu amo trouxe a flor de Tessália, porque embarcou pela Primavera.

Jason. Não repareis, Senhor, que este criado é gracioso e o trago para meu divertimento e por gastar bom-humor.

Sacatrapo. Não há dúvida que gasto bom-humor, pois tenho sempre dele duas fontes ao torno.

Arpia. Ai, Senhora, que é galante o tal criado! Se eu não estivera aqui, já me tivera escangalhado com riso.

Jason. Como dizia: trago bons soldados e por almirante ao valente Teseu, cujo valor tem ocupado todas as trombetas da fama. Teseu, beija a mão a El-Rei.

Teseu. Por obediência e por afecto, diligente procuro tão grande ventura. (*Ajoelha*).

Rei. Levantai-vos, esforçado capitão, que certamente, primeiro que os olhos, vos conhecerão os ouvidos, escutando a fama de vosso valor.

Sacatrapo. Agora sigo-me eu por meu legítimo turno. Senhor, Vossa Reinadura me dê a beijar a sua mão; ou, quando não, o seu pé, que tudo é o mesmo.

Rei. Aqui a tens.

Sacatrapo. Dá cá sete. Ah, Senhor, antes eu lhe beijara o anel do que a mão.

Rei. Aí o tens, para o beijares à tua vontade.

Sacatrapo. Ai, Senhor, eu não o dizia por tanto; mas só o aceito por ser prenda sua. Famosa pedra! Ah. Senhor, este diamante é fino, ou falso?

Jason. Retira-te, bruto; basta já de despropósitos.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Rei. Jason, vem honrar-me este palácio, enquanto se conserta a tua armada. Ainda o meu coração não sossega. (*À parte*).

Medeia. Não me pesa de que Jason fique em palácio, porque ... Mas não sei o que digo. (*À parte*).

Creúsa. Se eu tivera a fortuna que Jason fosse... Mas isto é delírio. (*À parte*) ..

Arpia. Pouco hei-de poder, se não pilhar o anel ao criado. (*À parte*).

Sacatrapo. Uma vez que temos estalagem de palácio, já não quero ser Sacatrapo, senão vareta, para carregar bem o bacamarte do bandulho. (*À parte. Vai-se*).

Rei. Anda, Senhor; não te detenhas.

ARIA A 4.

| | |
|-------------------------|--|
| <i>Rei.</i> | Vem, Jason esclarecido; vem, que vens a descansar. |
| <i>Jason.</i> | Quem se vê de amor ferido, que mal pode descansar! |
| <i>Medeia e Creúsa.</i> | Só quem vive sem Cupido é que pode descansar. |
| <i>Todos.</i> | Mas quem tem o meu cuidado Que mal pode sossegar |
| <i>Rei.</i> | Entra. |
| <i>Jason.</i> | Eu vou: ó belo encanto, quem de ti se não apartara! |
| <i>Creúsa.</i> | Eu me abraso. |
| <i>Medeia.</i> | Eu vivo ardendo. |
| <i>Medeia e Creúsa.</i> | Que a Jason já estou querendo. |
| <i>Todos.</i> | Pois me dás enleio tanto, eu prometo triunfar. (<i>Vão-se</i>). |

CENA III

Câmera com um bufete, e sai Sacatrapo.

Sacatrapo. Eu ando perdido por este palácio, entrando e saindo, sem saber por onde entro nem por donde saio; só com a cozinha não acerto. Quero esperar aqui, até que venha alguém. Ora nós já temos anel de diamantes; já poderemos coçar o nosso olho afoitamente; porque isto de ter um homem anel logo faz deitar as mãos de fora, fazer palminhas às crianças, jogar o sape na barba, tudo com a mão esquerda, que nós, que temos anel, logo nos fazemos canhotos. Uma vez me lembra que um amigo meu tanto me quis meter um anel que tinha pelos olhos, que me meteu o anel e dedo e o braço até o cotovelo pelo olho dentro, até sair-me pelo outro olho; mas contudo, sempre andarei com o olho sobre ele; pois, segundo ouvi dizer, sei que nesta terra há muita feiticeira.

Sai Arpia.

Arpia. Quem está aqui?

Sacatrapo. Parece-me que sou eu.

Arpia. Vossa mercê, senhor soldado, com que atrevimento entrou aqui no quarto da Senhora Infante Medeia?

Sacatrapo. Eu, Senhora, entrei aqui sem atrevimento.

Arpia. Pois não sabe que no quarto das princesas se não entra?

Sacatrapo. Eu não tenho ciência infusa para saber tudo.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Arpia. Pois para onde ia?

Sacatrapo. A falar verdade, eu ia para a cozinha; e, quando me não precatei, me achei aqui.

Arpia. Pois sabe que mais? Que está condenado a cortarem-lhe os dedos dos pés, que é a pena que se dá a quem entra aqui, sem que para isso lhe valha o ser criado de Jason, que a ele mesmo se há-de fazer o mesmo, se aqui entrar.

Sacatrapo. E a mim que se me dá que me cortem os dedos dos pés? Poupam-me o trabalho de cortar as unhas.

Arpia. Você cuida que eu zombo? Vá-se descalçando já, já, depressa, que eu chamo o algoz. Olá de dentro?

Sacatrapo. Ó Senhora-enxota-cadelas de palácio, por vida sua que não chame o algoz; e, se isto se remedeia com dar-lhe este anel, que é o que tenho, aí o tem, e deixe-me em paz; pois vão-se embora os anéis e fiquem os dedos.

Arpia. Pois saiba que por compaixão lho tomo, que eu não sou amiga de fazer sangue.

Sacatrapo. Ora vossa mercê viva muitos anos, ainda em cima de me levar o anel.

Arpia. Olhe, meu filho, não se desconsolle, que Deus lhe dará outro anel; trate primeiro da sua saúde, que diamantes são pedras; e para que lhe não suceda outra, eu tirarei um passaporte, para poder entrar por onde quiser. Ouve? Faça um memorial e dê-mo.

Sacatrapo. Tomara eu fazer um total esquecimento do anel, que, cada vez que me lembra, morro de saudades por ele.

Dentro. Arpia? Arpia?

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Arpia. Ai que aí vem Medeia! Esconde-te aí debaixo do bufete, para que te não veja aqui.

Sacatrapo. Ainda mais essa! Mas diga-me, Senhora: quem é essa Arpia, por quem chamou Medeia?

Arpia. Sou eu.

Sacatrapo. Vossa mercê é Arpia mesmo por seu gosto, ou isso é alcunha?

Arpia. Pois que tem o nome de Arpia? Não é bonito?

Sacatrapo. Eu bem sei que o nome de Arpia é hoje da moda, pois umas são arpias na cara e outras nas unhas, como v. g. o meu anel nas unhas desta Arpia.

Arpia. Anda, esconde-te, que Medeia chamou.

Esconde-se Sacatrapo debaixo do bufete, e sai Medeia.

Medeia. Arpia, eu venho louca de amor por Jason; pois, apenas o vi, logo me arrebatou todos os sentidos, de sorte que enlouqueço.

Arpia. Não é necessário chegar a tanto extremo; pois com os encantos de tuas mágicas podes fazer com que te queira.

Sacatrapo. Não é nada; a menina é feiticeira!
Medeia. Para que Jason me queira, não hei-de usar de máquinas, nem mágicas, que isso era violentar-lhe a vontade, que sem ela não pode haver perfeito amor.

Arpia. Pois então como há-de ser?

Medeia. Explicar-lho, seja como for.

Arpia. E se ele te desdenhar?

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Medeia. Então perder as esperanças; morrerei logo e comigo o meu amor.

Arpia. O melhor é disfarçar isso.

Medeia. Como o hei-de disfarçar, sendo uma seta, que sempre me está penetrando o coração?

Sacatrapo. Pois beba água de manjerição, que logo se há-de achar boa.

Medeia. Atreves-te tu a saber se me tem inclinação?

Arpia. Eu tenho boas mãos para esses unguentos; deixe-o por minha conta; mas eu cuido que aí vem ele.

Medeia. Pois eu escondo-me aqui, que quero observar a minha morte ou a minha vida (*Esconde-se*).

Sai Jason.

Jason. Senhora, estimara que fizésseis presente à Infante Medeia que Jason vem render-se aos seus pés e beijar as suas mãos.

Arpia. Sei que há-de estimar tão grande fortuna.

Sacatrapo. Jason aqui! Sem dúvida irá sem dedos nos pés, *sicut & nos** manqueja de um olho.

Arpia. Ora, Senhor, nós, as velhas, sempre somos curiosas de saber. Não me dirá que lhe tem parecido esta terra?

Jason. Por certo que é uma grande Corte, e bastava ser oriente de tantos sóis, quantos nela resplandecem.

(*) *Sicut et nos* - assim como nós.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Arpia. Não há dúvida que o da Senhora Medeia excede a todos os astros.

Sacatrapo. Que fora, se ele vira o sol da Índia!

Jason. Quem pode duvidar que minha Senhora Medeia é a Fênix* da formosura?

Arpia. Certamente que estava aqui um bom casamento; porque ela é a herdeira deste reino, e vós, Senhor, também o sois do vosso, e tudo se podia ajuntar. E que lindos filhos teriam!

Jason. Se eu me não achara indigno dessa honra, talvez que a procurara; mas não quero incorrer na censura de Faetonte**.

Sai Medeia.

Medeia. Jason, quem sente é força que se queixe; que para amar basta ter alma. Já podes entender que, quando uma mulher da minha esfera se chega a explicar, grande é o seu amor; pois, quando o incêndio é excessivo, não se pode conter nos limites do edifício, que logo não saia pelas janelas.

Sacatrapo. Ah, bom arrocho!

Jason. Belíssima Medeia, se fora certa tanta ventura, pudera-me julgar o mais feliz homem do mundo.

Medeia. Se nisto está a tua felicidade, feliz te podes chamar; e, para melhor me explicar, retira-te, *Arpia*, e avisa-me quando vem alguém.

(*) *Fênix* - ave fabulosa que se dizia renascer das próprias cinzas.

(**) *Faetonte* - filho do Sol. Autorizado pelo pai a governar por um dia o carro do Sol, de tal modo se mostrou inábil, que o pai o fulminou e precipitou no rio Pó.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Arpia. Eu vou, Senhora. Amor os ajude. (*Vai-se*)

Medeia. Se prometes corresponder-me com o mesmo amor, seguro-te que te podes chamar feliz; pois verás que por teu respeito faço mudar os montes de seu lugar, secar-se o mar, confundir todos os quatro elementos, fazendo que tudo te obedeça; e até te farei senhor do célebre Velocino, para cuja conquista em vão se tem fatigado tanto militar concurso; porque forças humanas o não podem conquistar, pois o defende um horrível dragão encantado; sendo este Velocino o tesouro mais rico que há no mundo.

Sacrapo. Uma vez que lhe fala nos Velocinos, aí o tem manso como um borrego.

Jason. Tudo isso para mim não vale tanto como a felicidade de ser teu esposo; porque em ti se contém a maior riqueza.

Medeia. Prometes, Jason?

Jason. Prometo, Medeia.

Medeia. Vê lá o que dizes.

Jason. Por todos os deuses do firmamento e por todas as deidades do Cocito* te juro sempre ser-te firme e amante.

Canta Medeia a seguinte ária, e

RECITADO

Pois vê lá o que dizes; não me enganes, nem
meu ardor, sacrílego, profanes,
que quem te sabe dar riquezas tantas,
a morte te dará, se a fé quebrantas.

(*) *Cocito* - rio dos Infernos.

ÁRIA

Felice serás,
Jason, se constante
te mostras amante
a tanto querer,
a tanto adorar.

Por isso verás,
se acaso conspiras
a ser inconstante,
sair desse abismo
as fúrias, as iras,
as chamas, os raios,
até que em desmaios
te veja espirar*.

(*Vai-se*).

Sacatrapo. Pegue-lhe lá com um trapo quente.

Jason. Eu estou confuso!

Sacatrapo. Pois faça o siso.

Jason. Medeia, ao mesmo tempo que se mostra extremosa, me ameaça com tantas iras! Bem aviado estou eu, se me descuidar em adorá-la; mas como pode o meu amor deixar de ter descuidos, se em Creúsa tenho todo o meu cuidado? Bem sei que Medeia é uma estrela; mas, se vejo que Creúsa é um Sol, antes hei-de seguir os raios deste, que os resplandores daquela. Quem me mandou a mim prometer ser seu esposo? Ó deuses, que fiz eu?

Sacatrapo. Fez uma asneira.

Jason. Mas ai, que alguém me ouviu! Seria Medeia? Quero ver se aqui está alguém. Seria ilusão do

(*) *Espirar* - expirar.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

entendimento; se Medeia me promete dar o Velocino, único objecto da minha empresa, seria ignorância perder esta ocasião; mas muito maior covardia será violar a inclinação que tenho a Creúsa, pela ambição de ganhar o Velocino. Que farei neste caso?

Sacatrapo. Comer a isca e cagar no anzol.

Jason. Isto já é mais que ilusão; a voz saiu da parte daquele bufete. Quem está aí? Fale; se não, o matarei.

Sacatrapo. Como bateu no mato, caçou-me (*Sai*).

Jason. Que fazias aí, Sacatrapo?

Sacatrapo. Se me pergunta pela verdade, eu não o sei.

Jason. Sem dúvida estavas aí para furtares alguma cousa.

Sacatrapo. Antes estou aqui, porque me furtaram certa cousa.

Jason. Que te furtaram?

Sacatrapo. Foi o caso que, apenas pus os pés nesta casa, eis senão quando, marro de narizes com Arpia, essa negregada e farruscada velha; e, tanto que me lombrigou* o anel que me deu El-Rei, me disse que tinha incorrido em pena dedal; isto é, que se me haviam cortar os dedos dos pés, excepto os joanetes, só por haver entrado no quarto das princesas. Eu, como amo aos meus dedos dos pés como se nascessem da barriga de minha mãe, pelos** não ver separados daquela boa união que tivemos sempre, tapei-lhe a boca com o anel, e, vendo que

(*) *Lombrigar* - lobrigar.

(**) *Pelos* - para os.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

vinha Medeia, mandou-me meter debaixo daquele bufete, aonde estive até agora chorando e carpindo meu anel, e como ainda o tenho diante dos meus olhos, são os meus dous anéis de água.

Jason. Visto isso, ouviste tudo quanto passei com Medeia!

Sacatrapo. Prouvera a Deus que o não ouvisse!

Jason. Pois que te parece o que sucede?

Sacatrapo. Eu não sei de razões de estado; mas o que digo é que a Senhora Medeia é uma fina feiticeira, e a tal Arpia uma refinada bruxa; e confesso que, quando Medeia cantando dizia: *As fúrias, as iras, as chamas, os raios*, que se me arrepiaram os cabelos.

Jason. Eu bem sei que Medeia é mágica, e como tal me pretende dar o Velocino de ouro, que é um carneiro com pele do mesmo ouro.

Sacatrapo. Não tem que me explicar, que eu em matéria de Velocino já posso ler de cadeira.

Jason. Porém eu vivo tão namorado de Creúsa, que não se me dera de perder o que me oferece Medeia, só por alcançar o tesouro de Creúsa.

Sacatrapo. Senhor, em duas palavras: amar a Medeia por cerimónia, até lhe ganhar o Velocino, e ir conquistando em todo o caso o Velocino de Creúsa.

Jason. Isso está bem; mas, se Medeia me ameaça, se eu for inconstante ao seu amor, como há-de ser?

Sacatrapo. Também há contra-feitiços; sendo que eu não creio muito em bruxas.

Jason. Tu, Sacatrapo, se tiveres ocasião, hás-de explorar o peito de Creúsa; e, se a vires inclinada ao meu amor, dize-lhe o quanto lhe quero; porém com muito segredo; que Medeia o não presuma, pois

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

a todos nos importa isso; e, levando nós o Velocino, havemos ter muito ouro.

Sacatrapo. Eu de todo esse carneiro não quero mais do que o rabo; porque, tendo eu esse, escaparei de ficar com o meu na ratoeira; e vós, Senhor, ao que entendo, ficareis com as orelhas.

Sai Teseu.

Teseu. Senhor, é necessário cuidar no fim para que viemos; pois os soldados aventureiros estão já desesperados, por ganhar fama na empresa do Velocino, e os de menos qualidades pela ambição do despojo.

Jason. Teseu, não cuides que me descuido e sabe que já o temos concluído.

Teseu. De que sorte?

Jason. Anda, que o saberás depressa e darás o teu conselho.

Sai Creúsa.

Creúsa. Daqui se vai Jason. Que quereria no quarto de Medeia? Já me desengano, que tenho amor, pois tenho zelos. E também o criado aqui está! Que maior indício? Ai, infeliz Jason, se a Medeia entregas o teu peito!

Sacatrapo. Senhora Creúsa, eu não sou antípoda, para que esconda de mim o belo Sol de seu rastro.

Creúsa. Que fazias aí, Sacatrapo, tu e teu amo?

Sacatrapo. Ambos estávamos aqui perdidos; eu no labirinto de palácio, e meu amo perdido no labirinto de amor.

Creúsa. Bem sei, que Medeia é atractivo que o arrebatou.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Sacatrapo. Meu amo se gasta às punhadas; poém, Senhora, não é Medeia a causa de seu enleio, porque mais Medeias há na terra.

Creúsa. Para que o negas? Pois já isso é notório, aqui não há quem possa merecer as atenções de Jason, senão Medeia.

Sacatrapo. Porquê? Vossa Magnificência não era nuito capaz para isso? Ora o caso está galante!

Creúsa. Eu não sou Princesa.

Sacatrapo. Dessa massa se fazem. Aqui estou eu, que com o favor dos astros espero ser o Grão Turco.

Creúsa. Fica-te embora, já que estás galanteando.

Sacatrapo. Senhora minha, aqui debaixo de segredo natural, que legítimo nunca o houve, digolhe a Vossa Serenidade que Jason adora terníssimamente a Vossa Magnificência, e sei eu que deseja ser seu esposo e não se declara com medo de Medeia; porque diz que o há-de trasfegar, se ele lhe for inconstante; que a mulher é um demónio em carne; pois, ainda quando acaricia, tem tão má carinha, que mais arranha do que afaga.

Creúsa. Dizes isso deveras?

Sacatrapo. Com veras, reveras, e tataraveras.

Canta Creúsa a seguinte ária e

RECITADO

Oh, mal haja Medeia e seus encantos,
pois esfria de amor incêndios tantos,
de Jason usurpado o alvedrio
com rigor tão impio,
que com falsas tiranas indecências
dos astros quer mudar as influências.

ÁRIA

Que intente adorar-me
Jason e não possa,
querendo roubar-me
Medeia o meu bem!
Que injusto tormento!
Que fero rigor
de um mal tão violento,
que alívio não tem!

(*Vai-se*).

Sacatrapo. Ah, Senhora, espere, dê-me a resposta. E foi-se sem dizer *aqui estou eu!* Que diabo terá este Jason, que todos o querem? O maldito parece que tem mandinga! Só eu não acho na verdade quem me queira! Pois, por certo que não é o Diabo tão feio como o pintam; porque eu, graças a Deus, sou mui bem estreado, bem tirado das canelas; sou beijudo e tenho unhas machas; sou no andar miúdo e finalmente o meu todo se compõe de muitas partes; e contudo não há uma alma perdida que se namore de mim; mas isto será porque eu me não namoro nunca delas*; mas eu prometo daqui em diante namorar a troxe-moxe, que alguma cairá no laço.

Canta Sacatrapo a seguinte

(*) Repare-se na propositada cacofonia existente em *nunCA DELAS*.

ARIA

É o amor que uma alma engole
sabão mole;
pois com ele quem se esfrega,
cabra-cega,
escorrega,
cai aqui, cai acolá.

Assim uma alma namorada,
esfregada,
ensaboada,
que tropeços não fará!

CENA IV

Descobre-se uma sala, e saem El-Rei e Telemon.

Rei. Telemon, não posso deixar de fazer reparo nesta vinda de Jason tão intempestiva; pois, segundo me disseram, nenhuma tempestade teve, para arribar a este porto; antes cuido que ele veio muito de propósito com algum pernicioso intento; e, como tu sabes que este Velocino é o objecto de toda a Grécia, talvez intentará Jason, dissimulando o veneno com alguma indústria, roubar-me o meu grande tesouro do Velocino; e assim manda-lhe dobrar as guardas e ter a soldadesca pronta para qualquer invasão.

Telemon. Senhor, que te assusta e sobressalta? Para que é dobrar as armas e guardas, se o Velocino bem guardado está com o dragão que o defende?

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Rei. Contudo, como o dragão é encantado, pode haver arte que o desencante; e assim faze o que te digo, que a prevenção é filha da prudência.

Sai Medeia.

Medeia. É incomparável a alegria que tenho de me ver amada de Jason; porém aqui está El-Rei, meu pai!

Rei. Medeia, a bom tempo vieste.

Medeia. Pois que ordena Vossa Majestade de uma obediente filha?

Rei. Hás-de saber que me tem causado grande susto a vinda de Jason; pois suspeito que o seu fim será roubar-me o Velocino; e assim, já que na ciência mágica és tão peregrina, quisera que penetrasses o seu desígnio; e, sabido ele, buscar o remédio ao seu atrevimento e à minha desconfiança.

Medeia. Não lhe dê isso cuidado a Vossa Majestade, pois prometo brevíssimamente sabê-lo, ainda que pessoalmente desça ao tenebroso reino de Plutão*; e assim descanse Vossa Majestade e não se aflija nem sobressalte, que, ainda quando o Velocino não estivesse bem guardado com o dragão horrível, se necessário fora viriam em defesa do Velocino todos os dragões e serpentes da Líbia e todas as feras e monstros do Averno**, para que se segure o Velocino e o teu receio.

Rei. Dá-me os braços, Medeia, pois de ti espero todo o meu sossego. (*Vai-se*).

(*) *Plutão* - rei dos Infernos.

(**) *Averno* - lago da Itália, considerado pelos antigos como a entrada dos Infernos.

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Telemón. Guarde Júpiter a V. Alteza. (*Vai-se*).

Medeia. Quis desvanecer-lhe o pensamento, por que ao menos não sinta o mal antes de o padecer; pois Jason há-de ser senhor do Velocino, ainda que rompa os vínculos da natureza e os da arte.

Sai Sacatrapo correndo atrás de Arpia.

Sacatrapo. Ó velha bruxa, larga o meu anel!

Arpia. À que del-Rei, que me mata! Quem me acode?

Medeia. Tende mão! Que desaforo é este, na minha presença?

Arpia. Senhora, que há-de ser? Este maldito homem, que me quer matar.

Medeia. Se não foras criado de Jason, aqui te sepultaria vivo pelo atrevimento.

Sacatrapo. E há lei que mande que aos criados de Jason se furtem os anéis?

Medeia. Pois quem te furtou o anel?

Sacatrapo. Essa Senhora Arpia, que com subtil arpiadura* me surripou o anel que me deu El-Rei, como Vossa Infanteza bem viu.

Medeia. É aquilo assim, Arpia?

Arpia. Ai, Senhora! Foi uma peça que lhe fiz, só pelo ver desesperar.

Sacatrapo. Senhora, o anel é que era peça de Rei; mas o que me fez foi latrocínio formal.

Medeia. Pois Arpia escuse de fazer essas peças, e dê logo o anel a seu dono.

(*) *Arpiadura* - substantivo formado de *Arpia*, nome aqui identificado com *Harpia*, significativo de fabulosa e monstruosa ave de rapina.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Arpia. Pois eu para que o quero? Tome lá! Cal-te, que tu mo pagarás; toma! (*À parte*).

Sacatrapo. Mostra cá, que já lhe tinha perdido a posse e a esperança, tudo junto.

Sai Jason..

Jason. Belíssima Medeia, como todo o meu alívio consiste em ver-te, não estranhes os excessos do meu amor.

Medeia. Se tu me adoras, não vendas por fineza o que é obrigação de quem ama. Ai, Jason, se serão verdadeiros os teus extremos!

Jason. Medeia, em um peito nobre não cabem afectos fingidos; antes cuido que os fingimentos estão da tua parte.

Medeia. Muito me escandalizas. Dizes isso de veras?

Jason. Quase estava para dizer que sim.

Medeia. Que motivo tens para isso?

Jason. Bem sabes que tenho gosto de ver o Velocino de ouro, só para admirar este prodígio da natureza; e, contudo, não tenho merecido esse favor, podendo-mo tu fazê-lo, e quem ama verdadeiramente procura sempre dar gosto ao seu amante.

Medeia. Se essa é a queixa que tens de mim, verás como depressa te satisfaço. Toma este anel.

Sacatrapo. Que anel, Senhora?

Jason. Cal-te, néscio.

Arpia. Cal-te, animal!

Sacatrapo. Cuidava que lhe dava o meu anel; pois entendo que ninguém tem anel senão eu. Guarde-o bem; veja que esta Arpia é inclinada a anéis; quando não, ficará sem dedos.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Medeia. Toma, pois, Jason, este anel, que com ele farás tudo quanto quiseres por especial virtude desse crisólito*. Vai com ele ao jardim encantado, feliz habitação do Velocino; e, suposto esteja cercado de muralhas de bronze e dentro o defenda um dragão, tudo vencerás com a virtude deste anel; e, ainda que sem tu o teres na tua mão podia eu pela minha fazer tudo, quero, para que vejas o quanto te amo, que a ti te entrego o depósito de minha ciência mágica; porque é próprio de quem extremosamente ama entregar com a vontade o entendimento.

Jason. Pois de que sorte há-de ser isto?

Medeia. Desta sorte.

*Desce uma nuvem, e nela vão arrebatados Jason e
Medeia.*

Sacatrapo. Adeus, Jason, para *secula seculorum*.

Arpia. Que te parece isto? Não é galante?

Sacatrapo. É mui boa galantaria, mas eu lhe não acho graça. Ora diga-me, Senhora Arpia, e Medeia sabe fazer destas habilidades?

Arpia. Como ninguém; porém tal mestra teve ela!

Sacatrapo. Apostemos que foi vossa mercê a senhora mestra?

Arpia. Eu fui a mestra de Medeia, que a ensinei desde criança a arte mágica, a que vocês, os néscios, chamam feitiçaria; e o demo da rapariga tomou tão bem as lições, que hoje me pode dar seis e ás e a mão.

(*) *Crisólito* - é nome dado a certas pedras preciosas.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Sacatrapo. Tão entabulada* está ela no jogo da causa?

Arpia. Como lho hei-de dizer? Faz causas nunca vistas e algumas com galantaria, que é para ver e admirar.

Sacatrapo. A vossa mercê ainda lhe lembra alguma causa do tempo que era mestra?

Arpia. Qual, filho? Os anos tudo consomem; pois no meu tempo andava eu nas palmas.

Sacatrapo. Melhor fora que o carrasco lhe andasse nas costas; mas certamente que a vossa mercê ainda lhe há-de lembrar alguma galantaria.

Arpia. Qual! Isto esquece muito, se se não traz sempre entre as mãos.

Sacatrapo. Por isso me há-de lembrar o anel, que o trago entre os dedos.

Arpia. Pois cuidavas que aquilo do anel era verdade? Foi uma peça que te quis fazer.

Sacatrapo. Pois porque era peça, por isso eu também por peça o disse a Medeia. Mas não disfarçemos; faça alguma magicazinha pequenina, causa galante.

Arpia. Ora por te fazer a vontade, aí vai uma, primorosa. Por arte de berliques berloques, que com esta bofetada te salte fora a cabeça do corpo.

Dá-lhe uma bofetada, e salta a cabeça de Sacatrapo, que andarà pelo ar, dando de quando em quando algumas cabeçadas em Arpia.

Sacatrapo. Ai, minha cabeça, que a tenho por esses ares!

(*) *Entabulada* - amestrada.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Arpia. É para ver se hás-de fazer queixa a Medeia, que te furtei o anel.

Sacatrapo. Põe no corpo a cabeça, bruxa; se não, olha que te dou uma cabeçada.

Canta Arpia a seguinte ária e

RECITADO

Não to hei-de fazer, por mais que o peças;
pois quero que padeças
por dous anos sequer este tormento,
castigando teu louco pensamento.

ARIA

Oh, quanto já me alegra
ver esse movimento,
que é bem que leve o vento
cabeça que é tão vã!

Se em ti, por néscio e tolo,
cabeça não havia,
não julgues tirania
tirar-se o que não há.

Sacatrapo. Ora encaixa-me a cabeça, que eu te dou o anel, sem que tu mo furtas.

Arpia. Agora, sim; eu ta encaixo.

Põe-lhe a cabeça e foge.

Sacatrapo. Espera, que mo hás-de pagar, por vida de Sacatrapo. (*Vai-se*).

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

CENA V

Jardim, aonde estará o Velocino, que é um carneiro de ouro, e ao som do coro e instrumentos, sairá Jason pela sala de fora a cavalo no Pégaso, que trará asas e depois entrará no jardim, aonde também estará um dragão lançando fogo, e com ele brigará Jason.

CORO

Se amor é um encanto,
que inflama
na chama
tirânico ardor,
de ver não me espanto
a um peito
desfeito
a encantos de amor.

Jason. Horrroso dragão, espantoso aborto do abismo, apesar das sombras e do furor que conspiras, hei-de domar a tua fúria, cegando-te primeiro com as luzes do crisólito deste anel e, ao depois, tirando-te a vida com o penetrante desta espada, sepultando-te finalmente nas entranhas da terra.

Mata ao dragão, que com urros se meterá por um buraco do tablado, donde sairão chamas de fogo, e a esse tempo se desapeia do cavalo, que, voando, tomará diverso caminho, e ao mesmo tempo descera Medeia em uma nuvem, que, vindo fechada, se abrirá e dela sairá Medeia.

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA.

Jason. Íncrita e famosa Medeia, agora conheço eu o amor.

Medeia. Se pelas obras exteriores conheces o meu amor, que fora se viras o intento de meu coração! Aí tens, Jason, o Velocino que tanto desejas.

Jason. Que admirável prodígio da natureza! Já achei o que buscava.

Medeia. Que te parece este jardim?

Jason. Ocupa toda a admiração. Quem me dera que Sacatrapo visse isto!

Medeia. Se isso desejas, aqui te vem já. Sacatrapo? Sacatrapo?

Vem voando um dragão pelo ar e lança pela boca a Sacatrapo no tablado.

Sacatrapo. Senhora, Senhora! Mas aonde estou eu?

Jason. Que é isso, Sacatrapo? Tu aqui?!

Sacatrapo. Ah, senhora Medeia, eu escuso estas gracinhas, que isto toca ao Senhor Jason, que, para me eu divertir, lá tenho a minha Arpia, que toca a degolar muito bem.

Jason. Quis que também tu te achasses na empresa do Velocino de ouro.

Sacatrapo. Não basta intentar a empresa; é necessário também fazer a presa. Mas diga-me qual é o Velocino.

Medeia. É aquele; não o vês?

Sacatrapo. Ai, como é galante! Tó, tó, Velocino; vem cá, passa aqui; tó, tó!

Jason. Homem, ele não é cão; é carneiro.

Sacatrapo. Ele será carneiro; mas a mim me parece cão, pelo gozo que tenho de o ver.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Jason. E é certo, Medeia, que é de ouro a pele deste carneiro?

Medeia. De ouro é; e, tirando-se-lhe uma pele, lhe nasce outra, também de ouro.

Sacatrapo. Meu amo está que não cabe na pele; o ponto está, Senhora Medeia, que o tal carneiro, em se apanhando daqui fora, não mude a pele.

Medeia. Nisso podes estar descansado.

Sacatrapo. E eu que tenho com isso? A meu amo é que Vossa Infanteza há-de passar essa carta de seguro; porque, quando muito, ele comerá o carneiro e a mim me dará os pés, que é o mesmo que dar-me dous couces, depois de tanto trabalho.

Jason. Não lhe puxes pela língua; se não, nunca se calará.

Medeia. Pois, se é falador, trate de o não ser daqui em diante; porque, se disser a alguém o que aqui passamos, o matarei certamente.

Sacatrapo. À que del-Rei, Senhores! Eu pedi a alguém que queria saber de jardins, nem de Velocino, nem de badalo*? De sorte que estava eu começando a jantar, eis senão quando, de improviso me vejo engolir de uma serpente, que era o Golias dos gigantes dragões; e, como lhe não fiz bom cozimento, vomitou-me neste jardim; e então, digo eu agora: para que me foram chamar, se sabiam que eu era linguarudo?

Jason. Ora cal-te, por vida tua. E certamente, Senhora, que cada vez me vejo mais obrigado às vossas finezas.

(*) *Badalo* - Note-se o trocadilho de *badalo* com a terminação *cino* (= sino) da palavra *velocino*.

COLEÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Medeia. Não é muito, Jason, que eu aplauda a tua entrada neste jardim, quando até as árvores e troncos inanimados te sabem festejar; e, para que o vejas, atende. Plantas, árvores e flores, saí das entranhas da terra e vinde aplaudir a Jason!

Saem por quatro escotilhas quatro árvores.

Jason. Efeitos são da tua sabedoria; eu estou pasmado!

Sacatrapo. E eu com o queixo caído!

Medeia. Ainda não pára aqui o teu aplauso: árvores, transformai-vos em ninfas e aplaudi a Jason, cantando e repetindo as minhas vozes.

Sacatrapo. A mulher é capaz de fazer uma falada!

Canta Medeia e repetem os ecos.

Medeia. Dizei o incêndio voraz, voraz.
que em meu peito abrasa amor, amor.
quando por Jason se inflama flama.
num puro e suave ardor. ardor.

Jason e Med. Ó Ninfas, dizei-lhe,
que já no meu peito
em ânsias desfeito

Todos. voraz amor inflama ardor.

Canta Jason e repetem os ecos.

Jason. Dizei que em dita feliz feliz.
vive em mim constante ardor, ardor.
pois já Medeia me inspira pira.
mil sacrifícios de amor. amor.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Jason e Med. Ó ninfas, dizei-lhe,
que já no meu peito
em ânsias desfeito

Todos. feliz incêndio inspira amor.

Sacatrapo. Ora eu, sem ser Narciso*, verei se acho
algum eco que me responda. Ora lá vai, Senhora
Medeia.

Medeia. Dize, que elas te responderão.

Canta Sacatrapo o seguinte:

Dizei se do Velocino
Hei-de ter sequer um pelo.

Zurram dentro.

Sacatrapo. Oh! Zurraram? Andar! Se não tive
ecos, achei burro! Isto agora é que é mágica, pois que
as ninfas se tornaram em burro. Ah, Senhora Medeia,
isto é jardim, ou estribaria?

Medeia. Para ti todo o lugar é estribaria.

Sacatrapo. Isso é pôr as cousas no seu lugar; mas,
já que Vossa Infanteza quis fingir este jardim, não fez
mal em fabricá-lo no lugar da estribaria, que entendo
em minha consciência que as estátuas são os burros do
senhor seu pai.

Medeia. Jason, ainda passa a mais o meu amor;
pois verás que por ti faço com que essas ninfas, em
que falta o animado, em teu aplauso te formem uma

(*) *Narciso* - jovem fabuloso por quem se apaixonou uma
ninfa chamada *Eco*.

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

contradança; e assim os pássaros, as águas e o Zéfiro a entoem, e as ninfas bailem.

Tocam uma contradança, e descem as ninfas dos seus lugares e dançam.

Jason. Que dizes agora a isto, Sacatrapo?

Sacatrapo. Deixe-me, Senhor, que me estou embasbacando; pois vejo que quem faz bailar troncos, também fará bailar as tripecinhas.

Jason. Não gostas de contradança?

Sacatrapo. Não, Senhor, porque fui sempre contra a dança.

Jason. Medeia, não sei com que te hei-de gratificar tantas finezas, quantas por mim tens feito. Sacatrapo, não deixes ficar o Velocino. *(À parte).*

Medeia. Adorado Jason, se já conheces o meu amor, peço-te que não sejas ingrato a tantos extremos.

Jason. De que sorte queres que te segure a minha constância?

Medeia. Com a mesma constância com que meu peito te adora.

Jason. Assim o prometo.

Medeia. Ditosa já me posso chamar com tal ventura.

Jason. E eu feliz. Ai, Creúsa, quando verdadeiramente sem sustos descansarei em teus braços? Pois só tu me roubaste os meus sentidos! Sacatrapo, leva o Velocino; não o deixes! *(À parte).*

Sacatrapo. Assim era eu asno!

Medeia. Vamos, Jason.

Jason. Medeia, vamos.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Medeia. Mas esperai. Que terei, que tão sobresaltado tenho o coração? (*À parte*).

Jason. Que te suspende, *Medeia*?

Medeia. Ai, *Jason*, dize-me: estarei certa na tua promessa?

Jason. Vive descansada, *Medeia*, que não faltarei à minha palavra.

Sacatrapo. Não haja desconfiança de parte a parte, que eu fico por fiador e principal pagador; e assim dizei, ninfas, e publicai de *Jason* e *Medeia* a bela tenção, dizendo todos:

CORO

Se amor é um encanto*
que inflama
na chama
tirânico ardor,
de ver não me espanto
a um peito
desfeito
a encantos de amor.

(*) *Se amor é um encanto* – É o mesmo coro do começo desta cena V.

Parte II

CENA I

Câmara. Saem Jason e Teseu.

Teseu. Ainda não creio, Jason, que sem derramar sangue conquistámos o Velocino.

Jason. Confesso-vos, Teseu, que, quando nisto imagino, parece-me que estou sonhando.

Teseu. E segundo, Senhor, me contaste, entendo que de balde viríamos a esta conquista com armas, se não foram as mágicas de Medeia, que tanto te ama.

Jason. Às vezes pode mais Cupido que Marte, pois mais poderoso foi sempre o amor, que o ódio. E certamente, Teseu, que com ter a certeza na mágica, de que havia triunfar do dragão que guardava o Velocino, contudo a vista e o aspecto dele poderia causar temor ao coração mais destemido.

Teseu. E agora para que nos dilatamos mais nesta terra? Vamo-nos embora, antes que se saiba o roubo do Velocino e nos custe sustentar com a espada o que ganhámos sem ela.

Jason. Assim é, Teseu; mas as cousas não se fazem como se dizem. Bem sabes as finezas que Medeia tem obrado por mim, e com o pretexto de ser eu seu esposo é que me facultou a entrada no jardim; e assim parece vileza e ingratição o deixá-la.

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Além disso, como sabes que é mágica, poderá vingarse em nós, que uma mulher escandalizada e poderosa é muito para temer. Assim pretendo encobrir que por Creúsa é que me detenho. (*À parte*).

Teseu. Segue o teu parecer, que algum dia te pesará não seguir o meu conselho. (*Vai-se*).

Jason. Se eu estou louco de amor, como hei-de ter entendimento para acertar? Pois, quando o amor vive no peito, é força que desfaleça o juízo.

Sai Sacatrapo.

Sacatrapo. Ei-lo lá fica no porão, enxuto e bem acondicionado.

Jason. O quê?

Sacatrapo. O Velocino, a quem estive acompanhando até agora, que lhe confesso não posso apartar-me dele; e entendo que o tal carneiro também é feiticeiro.

Jason. Não te quisera ver tão seu amigo, que és capaz de tirar-lhe alguma Gadelha*, em achando ocasião.

Sacatrapo. Senhor, sempre ouvi dizer que era bom tomar a ocasião pelos cabelos; mas eu, se a achar, a tomarei pelas unhas, que é mais seguro.

Jason. Pois, já que és tão ocasionado**, não tornarás a brincar com ele.

Sacatrapo. Já o remédio é tarde, pois já cá dizimei o que quer que é. (*À parte*). E sabe, Senhor, que mais? Aposto que o não sabe.

(*) *Gadelha* - é forma popular de *guedelha*.

(**) *Ocasionado* - desaustinado. Este termo *ocasionado* forma trocadilho com a palavra *ocasião*, empregada anteriormente por Sacatrapo.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Jason. Dize.

Sacatrapo. Que o tal carneiro sabe latim.

Jason. Deixa-me com disparates.

Sacatrapo. Ainda essa é pior! Basta que lho diga eu, que o tal Velocino é um Calepino* encadernado em carneira; e, se não, veja. Perguntei-lhe eu (por acaso) de *ego, mei, mihi* o acusativo do singular. Eis senão quando, me responde logo: *me!* Eu, quando tal ouvi dizer, disse comigo: Também, se a ti te não fala o Diabo nas tripas, mal por mim.

Jason. Seja o que quiseres. Vamos ao caso.

Sacatrapo. Vamos ao Ocaso** e vamos ao Oriente.

Jason. Pudeste falar a Creúsa e significar-lhe o quanto lhe quero?

Sacatrapo. Deixando circuitos e episódios: apenas tu, Senhor, te apartaste de mim, quando logo Creúsa veio nas tuas ancas; e eu, tanto que a vi só por só comigo, confesso que tive medo e quis chamar à que del-Rei.

Jason. De que tiveste medo?

Sacatrapo. Senhor, assim como as feias fazem fugir, também as formosas assombram; e, como não há Sol sem sombra, ela foi o Sol, e eu o assombrado de seus raios; pois cada olho era um caga-lume***; cada face um carbúnculo que andava nas mãos do anatómico da beleza; cada cabelo era um raio; cada pestana um cometa, e um corisco cada nariz.

Jason. Tantos narizes tem ela?

(*) *Calepino* - religioso italiano, autor de um dicionário latino-italiano, muito apreciado e consultado.

(**) *Ocaso* - palavra em correlação com *caso*, da fala de Jason.

(***) *Caga-lume* - pirilampo.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Sacatrapo. Sim, Senhor, e tão belos como os seus narizes.

Jason. Vamos adiante.

Sacatrapo. Isso é o que queria? Pois ouça mais: Fui eu,* e, como logo nos olhos a vi com jeito para me ouvir, que fiz? Fui de mansinho abrindo a boca pé por pé, e lhe escarrei na bochecha o recado que me deu, tim tim por tim tim.

Jason. E quando lhe falaste em mim, alterou-se?

Sacatrapo. Não sei, porque lhe não tomei o pulso; mas, se pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, ela, tanto que lhe falei em Jason, foi tanta a lombriga que destilou pelos olhos, que assentei logo que a Senhora Creúsa estava mordida da bicha de Cupido.

Jason. Vamos à conclusão da história.

Sacatrapo. Senhor, em conclusão, argumentei-lhe rijamente sobre o ponto; e, vendo-se convencida, começou a querer fugir do argumento; mas eu, que na ponte-dos-asnos** sou um lince, que fiz? Mudei-lhe argumento e logo a colhi no laço.

Jason. Acaba, antes que acabe contigo.

Sacatrapo. Pois demos por acabado, que eu não posso acabar comigo*** o ser lacónico.

(*) *Fui eu* - expressão popular empregada para ligar as diferentes partes de uma narração. Mais vulgarmente, ouve-se: *Vai eu* ...

(**) *Ponte-dos-asnos* - sistema de argumentação dos escolásticos. Assim se chamava, em gíria académica, à teoria do silogismo.

(***) *Acabar comigo* - resolver-me. - Repare-se na insistência, propositada, do emprego do verbo *acabar* nas falas de Jason e Sacatrapo.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Jason. Pois em que ficou?

Sacatrapo. Ficou em pé sobre os sapatos.

Jason. Tu estás zombando?

Sacatrapo. Zombaria fora! Ela lhe não pesou de ouvir o recado, ainda que lho dei bem pesado; e, começando a fazer biquinhos, como quem queria chorar, destemperou em cantar uma ária, e virou-me as costas. Eu, ainda assim, fui atrás dela; e, perguntando-lhe pela resposta, virando-me o rosto para mim, mui sisuda e mui grave, fez-me uma careta e safou-se e ficou safada.

Jason. De toda essa arenga venho a concluir que achaste Creúsa inclinada ao meu amor.

Sacatrapo. Às vezes, quando se abaixava, não há dúvida que se mostrava *inclinada*. Porém, Senhor, com que estamos? Eu acho de mim para mim que ela se há-de resolver a querer, e só lhe digo que teve bom gosto.

Jason. Pois não é mais formosa que Medeia?

Sacatrapo. Isso não é questão; porque, se Medeia encanta, também Creúsa enfeitiça.

Jason. Ó Sacatrapo, se eu alcanço os favores de Creúsa, não tenho mais que desejar.

Sacatrapo. Pois, Senhor, entendamo-nos. Fala de veras, ou está zombando? Eu cuidei até agora que isso de Creúsa era cháchara*.

Jason. Não é senão realidade, pois a amo com todas as veras.

Sacatrapo. Ui, Senhor, quando eu cuidava que, conquistado o carneiro, terias jazigo, vejo agora que, depois de alcançado, ainda te metes pela terra dentro. Deixa a Creúsa, Senhor; e, pois temos o

(*) *Cháchara* - chácara; chalaça.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

carneiro nas garras, embarquemo-nos, antes que o mar se encrespe em carneiros.

Jason. Por isso mesmo, porque tenho seguro o Velocino, por isso quero também a Creúsa; e assim vai outra vez e dize-lhe que, se se resolve a vir comigo para Tessália, que será minha esposa e subirá comigo ao sólio da Majestade, que por direito se me deve.

Sacatrapo. Ai, Senhor, que muito temo os encantos de Medeia!

Jason. Não vês que ela me deu o anel, depósito da sua ciência, e com ele não temo mágicas?

Sacatrapo. Eu, Senhor, não se me dá que se torne em carvão a pele de ouro, que eu sempre hei-de forrar a minha pele.

Jason. Sacatrapo, mãos à obra; e, se me trazes boas novas, terás boas alvíssaras. (*Vai-se*).

Sai El-Rei.

Rei. Vós não sois criado de Jason?

Sacatrapo. Criado de Vossa Reinadura.

Rei. Aonde está, que lhe quero falar?

Sacatrapo. Está tomando o fresco na trapeira.

Rei. Oh, agora te conheço! Tu não és Sacatrapo, aquele a quem dei o anel?

Sacatrapo. Sim, Senhor; mas foi tal a minha desgraça, que a senhora Arpia, falando mal, deu em se afeiçoar do anel e tanto andou, até que mo lambeu.

Rei. Ora não te agastes, que não te faltarão anéis.

Sacatrapo. E só sinto o não tê-lo, por ser prenda de Vossa Reinadura.

Rei. Só este me poderá dizer o que eu pretendo. (*À parte*). Dize-me: de que serves a Jason, ou que

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

prendas são as tuas, para que ele te estime tanto?

Sacatrapo. Senhor, depois que perdi o anel, já não tenho prendas.

Rei. Dize-me se és militar, porque talvez te deixe ficar em meu reino; pois Jason, que te estima tanto, por alguma causa é.

Sacatrapo. Eu servi, Senhor, na campanha desde a idade de cinco anos. Tive todos os postos; porque eu tive posto de pé, posto de joelhos, posto de bruços, posto de costas, posto de gatinhas; e, se a necessidade era grande, tive posto de cócaras*. Porque, Senhor, hás-de saber que eu, depois de roto, fui soldado; daí passei a cabo de sabela; e, quando nada, em dois dias me vi feito coronel de um regimento de gálico.

Rei. Só reparo que teu amo, com tantos serviços, te não fez governador de alguma praça.

Sacatrapo. Isso não era necessário, porque a mim me não faltam praças.

Rei. Ora, meu Sacatrapo, hoje na tua boca consiste a tua fortuna; pois, se me dizes o que te quero perguntar, te darei uma renda com que possas passar alegremente.

Sacatrapo. Senhor, fortuna de boca e prêmio de rendas são cousas de pouca duração.

Rei. Prometes-me dizer o que pretendo saber? Olha que hás-de ser bem premiado.

Sacatrapo. Diga, Senhor, que um interesseiro a tudo está oferecido.

Rei. Para que fales com mais clareza, é bem que te alumie o brilhante deste anel.

(*) *De cócaras* - forma popular de *de cócoras*.

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Sacatrapo. Isso é cerimónia; para nós não é necessário. Não o saberá Arpia! (*À parte*).

Rei. Dize-me, pois: que veio Jason buscar a este porto? Pois sei, de certo, que não teve tormenta.

Sacatrapo. Verdade é que os Pilatos estão discordes nessa matéria; porque uns assentam que foi tormenta, outros dizem que fora calma. Com quê, nisso há opiniões.

Rei. Dar-se-á caso que viesse Jason roubar-me o Velocino?

Sacatrapo. O Velocino, não, Senhor, mas um carneiro de ouro sei eu que já o tem nas unhas.

Rei. Que dizes?

Sacatrapo. Bem, se Vossa Reinadura se há-de enfadar, então não falo fala.

Rei. E como pôde ele tirar esse carneiro, estando tão bem guardado?

Sacatrapo. Senhor, do contado come o lobo; dizem que foi por arte mágica.

Rei. Aposto eu que andou por aí minha filha Medeia!

Sacatrapo. Não, Senhor; Medeia, não; quem fez as mexidas dizem que foi uma filha de Vossa Reinadura.

Rei. Essa mesma é Medeia.

Sacatrapo. Eu, Senhor, como não me meto com as vidas alheias, não me importa quem foi, nem quem não foi.

Rei. Basta; não quero saber mais. Há homem mais infeliz! Que viesse um pirata traidor a roubar-me a jóia mais singular de todo o mundo, e que minha própria filha fosse a medianeira do meu estrago! Não sei como me não mato por minhas mãos.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Sacatrapo. E faria muito bem, que o caso é para isso.

Rei. Não sei como não perco a paciência, vendo roubado o meu Velocino!

Canta o Rei a seguinte

ÁRIA:

Qual leoa embravecida,
que se vê destituída
do filhinho tenro e caro,
que com fúrias e bramidos
fere a terra e rompe o ar,
assim eu, sem Velocino,
 ando louco, estou sem tino,
pois que um vil pirata avaro
deste bem me fez privar.

Sacatrapo. Ah, Senhor, aonde hei-de assentar a minha renda?

Rei. Cal-te, pérfido traidor! Em ti, como parcial desse bárbaro e fementido Jason, vingarei a minha cólera!

Corre atrás de Sacatrapo.

Sacatrapo. À que del-Rei contra ele mesmo! (*Vai-se*).

CENA II

Antecâmara. Saem Medeia e Arpia.

Arpia. Que tens, Senhora, que andas tão melancólica estes dias? Se já te vês amada de Jason, que mais desejas?

Medeia. Não digas amada; burlada, sim.

Arpia. Isso será desconfiança, porque o amor isso tem, que, enquanto menino, é confiado, e desconfiado quando velho; e por isso não faltou quem dissesse que o amor morava na correaria.

Medeia. Pois dize-me, Arpia: não é para desconfiar ver que Jason, depois de tantas finezas que por ele tenho obrado; depois que lhe entreguei o Velocino, pondo-me em notável perigo, se meu pai o souber; enfim, depois que o fiz senhor absoluto de meu alvedrio, o vejo tão túbio e tão pouco solícito, que se passam muitos dias sem verme? Vê tu se tenho razão e motivo bastante para desconfiar.

Arpia. Senhora, quem a mandou pagar adiantado? Chore-o agora na cama, que é lugar quente.

Medeia. Tomara eu saber qual é a causa do seu desvio.

Arpia. Dar-se-á caso que tenha outro emprego?

Medeia. E qual havia ser a atrevida que, sabendo que Jason me adorava, havia querer opôr-se ao meu amor?

Arpia. Isso não se leva por oposição.

Medeia. Pois quem presumes tu que será?

Arpia. Senhora, eu nunca tive presunções, e muito menos agora, que sou velha.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Sai Creúsa.

Creúsa. Medeia, toda a corte tem estranhado o teu retiro e tristeza; se se pode remediar, dize-mo, que o mal comunicado é menos sentido.

Medeia. Ai, que minhas tristezas, Creúsa, nascem de causas tão ocultas, que ninguém as pode penetrar!

Creúsa. Não são tão ocultas, que se não saiba que é por causa de Jason.

Medeia. Ai, prima, como tu o sabes, já to não, posso negar. Confesso-te que amo a Jason; e, como ele sabe o meu extremo, despreza as minhas finezas.

Creúsa. Alvissaras, coração, que já podes respirar com sossego. (*À parte*).

Medeia. Vê tu: como poderei estar, vendo-me desprezada, depois de querida?

Creúsa. Despreza-o tu também e verás como ele te busca; porque o repúdio é o incentivo maior para avivar a chama do amor; faze isto e verás que te não engano.

Medeia. Estou para tomar o teu conselho; mas temo que Jason, escandalizado, me deixe por uma vez.

Creúsa. Se ele te deixa, amando-o, que importa que te deixe, aborrecendo-o?

Medeia. Não me fales em deixar a Jason, que é impossível.

Arpia. Senhora Creúsa, é bem que à Senhora Medeia lhe suceda tudo isto, porque sempre lhe preguei que se não fiasse de estrangeiros; e mais de Jason, que sempre tive azar com este homem, pois basta ser soldado para ser bandoleiro.

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Medeia. Não digas mal de Jason, que enfim sempre lhe quero e lhe tenho muito amor.

Arpia. Ainda se não pode desenganar que, enquanto morrer por ele, não há-de ter vida alegre? Minha Senhora, perdoe-me dizer-lhe isto; nenhuma mulher entrega todo o seu peito ao amor; e a razão é esta:

Canta Arpia a seguinte ária e

RECITADO:

Em matéria de amor, Medeia bela,
é necessário haver muita cautela,
que amor assim zombando entra brincando,
porém depois, chorando,
faz um peito biquinhos,
que em suspiros acabam tais brinquinhos.

ÁRIA

A Cupido, que é menino,
dá-se o leite e não o peito;
e se acaso com efeito
quer o peito, ponha azebre
para amor se desmamar.

Mas, se acaso amor é fogo,
não o atice no suspiro,
porque a chama em fácil giro
mais se ateia no assoprar.

(Vai-se).

Sai Jason sem ver as duas.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Jason. Não quero só fiar de Sacatrapo o recado de Creúsa; quero ver se acho ocasião de me explicar com ela mesma, ainda que experimente as suas iras. Mas que vejo! Ali está o meu bem e o meu mal!

Medeia. Jason, entendo, como há tanto que me não vês, que já me não conheces; e cuido que tu és o desconhecido.

Jason. Quem se viu em maior labirinto!

Creúsa. Jason, corno me vê aqui, não sabe o que responda. (*À parte*).

Medeia. Se por não achares desculpa emudeces, razão tens; mas não sei que razão pode haver para ser ingrato.

Jason. Medeia, aonde não há culpa não pode haver desculpa. Que terrível lance! (*À parte*).

Medeia. Pois não é culpa o ser ingrato a tantos extremos? Dize-me: porque me não vês?

Jason. Quem vê com os olhos do amor por força não há-de ver, porque o amor é cego.

Creúsa. Logo, tu não vês a Medeia, porque lhe tens amor.

Jason. Não sei o que responda... Digo que o ver no amor é impróprio.

Medeia. Entendo que te não explicas com pejo de Creúsa; pois sabe que Creúsa tudo sabe e tem estranhado muito a tua ingratidão.

Jason. Ainda esta é pior! (*À parte*).

Creúsa. Explica-te, Jason; não te acobardes, que eu sou de segredo.

Jason. Pois talvez que por Creúsa me não explique. Queira amor que me entenda! (*À parte*).

Creúsa. Pois se é por amor de mim, eu me ausento.

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Jason. Não me entendeu. (*À parte*).

Medeia. Pois eu não quero que se vá Creúsa, que não quero que meu pai me ache só contigo, e diante dela quero que confesses a tua ingratidão, para que te corras. Dize: tens achado em meu amor alguma variedade?

Jason. Não.

Medeia. Não juraste de me querer sempre?

Jason. Sempre jurei.

Creúsa. Pois tu costumavas faltar ao que prometes?

Jason. Oh, que desesperação!

Canta Jason a seguinte ária e

RECITADO

Quem (oh deuses!) se viu em tanto enleio?
Pois trémulo receio
em mal tão violento
explicar meu interno sentimento.

ARIA

Roto lenho, que impelido
de infeliz, vaga procela,
quase a pique submergido,
vendo ao longe a praia bela,
sem que a ela
possa náufrago apartar,
eu assim na dor violenta
sinto uma áspera tormenta
sem que possa minha ideia
por Medeia
livremente publicar.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Sai El-Rei.

Rei. Jason, como os teus soldados abusam da franqueza da minha hospedagem, cometendo latrocínios e fazendo distúrbios, peço-te que lhes mandes tirar as armas, pois entre amigos são escusadas; porque assim se evitarão tantos escândalos. Verei se logro o meu intento. (*À parte*).

Jason. Sinto que os meus soldados, Senhor, sejam insolentes; mas eu prometo castigá-los. Oh, que a bom tempo veio EI-Rei! (*À parte*).

Rei. Pois adverte que, se não tiram as armas, que eu lhas mandarei tirar.

Jason. Tudo o bom se fará. Aqui, é preciso dissimular. (*À parte. Vai-se*).

Rei. Creúsa, vai para dentro.

Creúsa. Já te obedeço. (*Vai-se*).

Medeia. Em negra hora veio meu pai, pois queria apurar a falsidade de Jason. (*À parte*).

Rei. Quero mostrar-lhe que ignoro o que me contou Sacatrapo. (*À parte*). Medeia, como tu ficaste de saber o intento com que Jason veio a esta terra e até agora não me tens dado resposta, eu a venho procurar.

Medeia. Se os oráculos do Averno já me tivessem respondido sobre os intentos de Jason, já to tivera revelado; porém, como os oráculos emudecem, é certo que a nossa pergunta não merece resposta, por ser sem fundamento; pois, segundo colijo, cuido que nem Jason sabe que no mundo há Velocino.

Rei. Ah, inumana filha, que agora conheço o teu fingimento! (*À parte*). Visto isso, posso estar seguro que Jason não vem buscar o Velocino?

Medeia. Bem podes perder já esse receio.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Rei. Ainda assim, o meu cuidado só terá alívio fazendo que se vá daqui Jason, que com efeito logo dou ordem a isso.

Medeia. Isso é agravar a quem te não ofende.

Rei. Está conhecido o dano; e, já que a ti te parece impolítica o expulsar a Jason, prometes tu ficar por fiadora de que ele me não há-de roubar o Velocino?

Medeia. Prometo.

Rei. E, se ele o roubar, a que pena te sujeitas?

Medeia. A que me mates.

Rei. Pois olha que hei-de executar a pena, sem que te valha o seres quem és.

Sai Telemon.

Telemon.. Senhor, já os soldados estão prontos, e tudo preparado. Vê o que ordenas.

Rei. Vem comigo, que eu te avisarei o que há-de fazer. Medeia, lembra-te da fiança. (*Vai-se*).

Medeia. Não tenhas desconfiança. Eu cuido que já meu pai saberá alguma cousa; mas quem lho havia de dizer? O pior é que eu sou a fiadora do Velocino. Mas que importa que perca a vida, se eu morro na ingratidão de Jason? Porém, agora que o Sol totalmente se sepultou no túmulo cristalino do Oceano, e já a Lua começa a sair, irei consultar nos seus argentados raios a causa da mudança de Jason. Mas aqui vem gente.

Sai Sacatrapo.

Sacatrapo. Agora me disse meu amo que aqui ficava Creúsa; que não perdesse tempo para dar-

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

-lhe o recado; mas isto é noite fechada, e eu não atino com o caminho. Mas chitom, que aqui está alguém, e o vulto é feminino pelo ruge-ruge das saias e pelo ringe-ringe dos sapatos! Se será Creúsa!

Vão andando um para o outro e topam-se.

Medeia. Quero averiguar quem é.

Sacatrapo. Quem é, da parte de Jason? Diga se é gente, ou se é mulher.

Medeia. Este é Sacatrapo. Que quererá aqui? Isto é novidade a estas horas! (*À parte*).

Sacatrapo. A mim me melem, se esta não é Creúsa! É Creúsa?

Medeia. Quero fingir: sou Creúsa; mas também quero saber quem é que me busca.

Sacatrapo. Não o disse eu?! O meu faro de noite é um farol.

Medeia. Diga quem é; se não, vou-me.

Sacatrapo. É Sacatrapo em pessoa, que te vem trazer um recado de Jason.

Medeia. Está descoberto o enigma! Sacatrapo, deixa-me: que tenho eu com Jason?

Sacatrapo. Se não tem, poderá ter; olhe o que lhe quero dizer, por vida sua.

Medeia. Não tenho que ouvir.

Sacatrapo. Eu lhe darei que ouvir; ora escute um nadinha.

Medeia. Ora dize depressa.

Sacatrapo. Mande trazer uma bugia acesa pelo rabo, porque às escuras não atino com a boca para falar.

Medeia. Dize-me; se não, vou-me.

Sacatrapo. Está feito; falarei pelos narizes. O caso

é, Senhora Creúsa, que depois que lhe falei aquele dia da parte de meu amo, lá lhe disse o que Vossa Magnificência me respondeu.

Medeia. Todavia isto já é muito antigo! (*À parte*)

Sacatrapo. E assim aqui me envia outra vez por seu embaixador extraordinário com amplos poderes de ajustar contigo o seu casamento; pois, em suma, diz Jason que por ti morre de amor desde que te viu; e assim, se tu quiseses casar, que é o mesmo que seres sua esposa ou sua mulher, que te levará consigo para Tessália, onde serás rainha e andarás em coche a quatro; pois para isso já toda a armada está sobre o ferro, esperando ocasião para nos safarmos à chucha calada.

Medeia. Ah, traidor Jason! E dize-me: Então há-de deixar a Medeia?

Sacatrapo. Porquê? Ele a pariu?

Medeia. Ainda assim parece ingratidão.

Sacatrapo. Qual ingratidão, Senhora? Não me quer crer? Ele nunca teve amor a Medeia.

Medeia. Pois quem o obriga a fazer tantos extremos por ela?

Sacatrapo. Nunca ouviu dizer que quem ama a Beltrão, ama o seu cão? Pois meu amo amava a Medeia por amor do Velocino; e, como este já o tem na mão, acabou-se o amor.

Medeia. Já me vai faltando a paciência; porém, para a perder de todo, apuremo-la mais. Com quê, tanto aborrece a Medeia?

Sacatrapo. Ai, Senhora, quem não há-de aborrecer uma feiticeira? Eu pelo menos a desejo pôr em um barril de pólvora, ou na boca de uma peça, e pôr-lhe o fogo, para que não houvesse fumo de tal demónio.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Medeia. Cal-te; não te ouça ela.

Sacatrapo. Qual ouvir! A estas horas está ela buscando alguma tripa de lobo para os seus ingredientes; porém, Senhora, tudo quanto disse se recopila nos quatro elementos do amor, que são os seguintes.

Canta Sacatrapo a seguinte

ARIA

Pagar ao correio,
amar a Jason,
deixar a Medeia,
segredo, e chitom!

Sai Arpia com uma vela.

Arpia. Muito alegres noites! Ai, cá está Sacatrapo!

Sacatrapo. Ai, que é Medeia, com quem estive falando! Estou perdido!

Medeia. Agora, Sacatrapo, para que vejas o meu primor, quero premiar o teu trabalho e que leves a resposta a Jason.

Sacatrapo. Olhe; deixe-me ir embora, que é o melhor prémio que me pode dar.

Arpia. Espera, tolo; aceita o que te dão; não sejas descortês.

Sacatrapo. Eu te dou o que ela me há-de dar. Ah, Senhora, deixe-me ir ali fora, que eu já venho.

Medeia. Espera. Basta que Jason ama a Creúsa?

Sacatrapo. Quem podia dizer tal? Isso é quimera.

Medeia. E basta que tu és o seu terceiro?

Sacatrapo. Olá! Isso agora é mais comprido!

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Medeia. Ora dirás a teu amo que Creúsa lhe manda dizer que esteja certo que lhe há-de pagar a sua fineza.

Sacatrapo. Sim, Senhora. Adeus, Senhora.

Medeia. Espera, que te não há-de ir sem lebares as alvíssaras.

Arpia. Senhora, que é isto que te sucede com Sacatrapo?

Medeia. Que há-de ser? É o que traz os recados a Creúsa; por isso Jason me desdenha; porque nela emprega o seu amor.

Arpia. E tu fiando dela o teu peito?

Medeia. Ó Arpia, quando em tal imagino, não sei como não desespero! Porém, enquanto neles não posso executar o meu furor, em ti, vil, infame, insolente Sacatrapo, hei-de vingar a minha ira, sepultando-te nas entranhas da terra, até chegares ao coração do abismo.

Vai Medeia sepultando pouco a pouco a Sacatrapo por uma escotilha do tablado.

Sacatrapo. Senhora Medeia, não me enterre; espere pelos gatos-pingados, que eu lhe descobrirei muita cousa; antes que me mate, deixe-me dispor deste anel que me deu agora seu pai.

Medeia. Não tenho mais que saber. Vai a ser pasto dos dragões.

Sacatrapo. Ai de mim! (*Desaparece*).

Arpia. Ai, Senhora, que culpa tem o criado?

Medeia. Espera e verás. Sacatrapo? Sacatrapo?

Torna a sair Sacatrapo, com cara de burro.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Sacatrapo. Aonde estou eu?

Arpia. Ai que linda cara, que tens!

Sacatrapo. Parecerei desenterrado.

Arpia. Sabes o que vejo? Que te enterraste com cara de gente, e ressuscitaste com cara de burro.

Sacatrapo. Cara de burro?! É verdade? Cá estão as orelhas. Ah, Senhora Medeia, não achou outra cara de gente, e ressuscitasse com cara de burro. Pois por certo que eu não tenho cara de asno.

Medeia. É para não lebares recados a Creúsa.

Sacatrapo. Senhora, tire-me sequer as orelhas, que eu sem elas bem posso ser burro, que assim há muita gente.

Arpia. Ora, Senhora, se os meus serviços valem alguma cousa, peço-lhe que tire a cara de burro a Sacatrapo, que, assim como assim, ficando com a que tinha, fica com a que tem. E o anel que brilha! (*À parte*).

Sacatrapo. Ah, Senhora Medeia, desemburre-me, por vida sua.

Medeia. Pois vai buscar a tua cabeça aonde a perdeste.

Desce Sacatrapo e torna a subir com cara de gente.

Sacatrapo. Queira Deus que, estando a minha cabeça em terra, não venha grelada.

Medeia. Arpia, não estou em mim, até me não vingar de Jason. (*Vai-se*).

Arpia. Ora parabém lhe seja, Senhor Sacatrapo, ver-se restituído à sua antiga forma.

Sacatrapo. Pois com ver-me com miolo de burro, contudo estava em meu perfeito juízo.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Arpia. Olha, Sacatrapo, para fugires de semelhantes desgraças, bom era saber o que está para te suceder e te livrares; assim, mostra cá a mão, que te quero dizer a *buena-dicha*; pois bem sabes que nesta ciência ninguém me excede.

Sacatrapo. Isso não me parece fora de conta. Eis aí a mão direita, que a esquerda está ocupada com o anel, e dize tudo quanto cabe na arte.

Arpia. Ah, o que tens de embaraços na vida! Vês esta linha matemática?

Sacatrapo. Aonde está?

Arpia. Esta que corre direita.

Sacatrapo. Pois que tem?

Arpia. Diz que ainda hás-de ter muito dinheiro, que te há-de vir por uma herança de um teu avô.

Sacatrapo. Isso é mentira, que eu já não tenho avô, salvo se for meu avô torto.

Arpia. Vês essoutra linha atravessada? Pois não é nada: diz que hás-de vir a ter daqui a mui poucos anos um posto muito honrado na tua terra, que te hás-de ver em grandes alturas.

Sacatrapo. Oh, minha *Arpia*, veja que posto há-de ser.

Arpia. É um tal posto, que a todos hás-de pôr o pé no pescoço.

Sacatrapo. Pois o que é?

Arpia. Carrasco-mor.

Sacatrapo. Pois então seguro tenho o pôr-te o pé no pescoço.

Arpia. Ai, mofino homem, que cá te encontrei com uma desgraça!

Sacatrapo. Uma só?!

Arpia. Não vês esta figura de unha na palma da mão?

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Sacatrapo. Tu pintas as figuras como queres.

Arpia. Não é cousa de cuidado; diz que hás-de morrer enforcado por ladrão.

Sacatrapo. Talvez que escape para carrasco, para te enforcar a ti; e dize: achas lá o anel que me furtaram, e a cabeça de burro?

Arpia. Não, que isso foram peças. Ora mostra cá a mão esquerda.

Sacatrapo. Qual? A do anel?! Aí não pode haver dúvida na ventura, pois já tem o anel.

Arpia. Pois eu to sacarei de outra sorte (*À parte*). Deixemos isso. Sabe que, se tu me pagares, te darei uma empresa melhor que a do Velocino de ouro.

Sacatrapo. Se isso fora cousa boa, não estivera guardada para mim e já meu amo a tivera na algibeira.

Arpia. Não, que isto é um segredo que só eu o sei; e é uma tal cousa, que ficarás rico para sempre.

Sacatrapo. Pois olha: eis aqui este anel que me deu El-Rei esta tarde; e val muito bem trezentos e vinte réis. É um diamante bruto engastado em ouro boçal; e, se me disseres isso, to darei.

Arpia. Pois sabe que na quinta de Creúsa, debaixo da terra, está uma estribaria, na qual está um burro que caga dinheiro.

Sacatrapo. Eu já ouvi falar nisso do burro caga-dinheiro, que minha mãe o contava quando eu era pequeno; porém eu sempre tive isto por história.

Arpia. Não te digo eu que todos têm notícia desse burro? Pois sei que ninguém o viu e cuidam que é fábula, o qual está encantado, assim como o Velocino.

Sacatrapo. Se também tiver algum dragão que o defenda, já renuncio à empresa.

COLEÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Arpia. Não tem dragão, e só tem por guarda uma formiga.

Sacatrapo. Se é uma formiga, não tenho medo, porque eu me vestirei de armas brancas, com espada e rodela, e logo a matarei.

Arpia. Levarás duas pistolas também.

Sacatrapo. Só reparo que, sendo esta empresa do burro caga-dinheiro tão fácil, não te tenhas tu aproveitado desse dinheiro, para comprares mais de dous centos de anéis, e não andares olhando para as mãos e dedos dos Sacatrapos.

Arpia. Essa é a desgraça e a minha ventura, ou desventura, que a choro com lágrimas de sangue; porque hás-de saber que o mágico que encantou esse burro proibiu que as mulheres o pudessem desencantar, pela fragilidade do sexo.

Sacatrapo. E que antipatia tem o sexo das mulheres com o sesso* do burro?

Arpia. Isso saberá o mágico.

Sacatrapo. Olha tu que mais depressa me parece que isso será alguma burra; porque essas são as que cagam dinheiro.

Arpia. É um burro tão macho como tu és.

Sacatrapo. Pois, *Arpia*, tu me seguras ser isso verdade?

Arpia. Não o duvides, que eu o tenho visto muitas vezes; e, quando me vou chegando para ele, desaparece, e foge o burro de mim, porque sou mulher.

Sacatrapo. Em fugir de ti não parece ele ser burro: quase que estou inclinado a dar-te o anel.

(*) *Sesso* (traseiro) - faz trocadilho com *sexo*.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Arpia. Bem o podes dar afoitamente, que ainda te faço favor; e, para que te descubra todo este enigma, quando fores à empresa, te hei-de dar um capelo meu, que foi de minha avó, o qual quem o põe ninguém o vê, e pode ir por onde quiser e entrar em toda a parte, sem ser visto; e assim irás com ele à conquista do burro caga-dinheiro, e o poderás trazer a paz e a salvo, sem de ninguém seres visto, nem cheirado.

Sacatrapo. Eu não duvido que de ninguém seja visto, pela viciosa virtude desse capelo; mas que o que caga o burro seja dinheiro e não seja cheirado, não pode ser.

Arpia. Cal-te, que és um sendeiro.

Sacatrapo. Arpiíssima Senhora, dê-me atenção. Se eu hei-de ser invisível, porque hei-de levar o capelo, está muito bem; mas o burro, que não tem capelo, por força há-de ser visto.

Arpia. Não, tolo, que o burro de sua natureza é invisível. Tu só o hás-de ver; porque és o seu desencantador.

Sacatrapo. Pois uma vez que é isso, aí está o anel, e venha o capelo.

Arpia. Anda. Muito tolo é este Sacatrapo! Já temos dous anéis. (*À parte*).

Sacatrapo. Oh, burro do meu coração! Se tu cagas dinheiro, não serás burro; serás o verdadeiro pai do Velocino. Desta vez fico de melhor partido que Jason. (*Vai-se*).

CENA III

Jardim e um monte movediço. Sai Creúsa.

Creúsa. Suspensa me tem este amor de Jason, e estes enleios de Medeia, e não sei aonde há-de parar

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

isto! Bem sei que Jason me quer; mas, por amor de Medeia, se não atreve a explicar. Oh, desgraçado amor, que vives oprimido a violências do encanto de uma tirana!

Saem Jason e Teseu.

Jason. Tu, Teseu, fica esperando à porta desta quinta de Creúsa, que eu a quero levar furtada hoje, e logo nos iremos embarcar, para o que tem pronta a escolta dos soldados que te disse; que, quando não seja por bem, à força de armas hei-de lograr o meu intento e zombarei dos intentos e encantos de Medeia.

Teseu. Vai descansado e fia do meu valor, que hei desempenhar* a empresa. (*Vai-se*).

Creúsa. Aí sinto gente. Quem será?

Jason. Aí está Creúsa. Ditosa ocasião!

Creúsa. É Jason. Cuido, Jason, que vens errado, porque aqui não mora** Medeia.

Jason. Se aqui não mora Medeia, namora Jason, belíssima Creúsa. Peregrino atractivo de meu coração, não procuro significar-te nesta ocasião o sino de meu amor; que, para o abonar de extremoso, bastante fiador tenho eu nos meus suspiros, os quais, mudamente exalados, já terão chegado a teus ouvidos; e, para que vejas que também com obras te sei querer, venho dizer-te que hás-de embarcar comigo esta tarde para Tessália, aonde com a for-

(* *Hei desempenhar* - hei-de desempenhar.

(** *Não mora* - Note-se o trocadilho *não mora - namora*.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

tuna de ser teu esposo lograrás a ventura de seres rainha.

Creúsa. Devagar, Jason; tanta cousa junta faz suspender o discurso. Como queres que me fie de ti, sem eu saber se o teu amor é verdadeiro?

Jason. De que sorte queres que to mostre?

Sai Medeia e retira-se a um lado.

Medeia. Venho ao longe seguindo a Jason. Mas que vejo! Ele cá está com Creúsa! Oh, não sei como não morro com zelos! Porém quero observar o seu intento.

Creúsa. As mesmas finezas que agora me dizes algum dia as disseste a Medeia, e contudo a deixaste.

Jason. Ainda que quis a Medeia, não foi obrigado do amor; mas sim porque ela me prometeu dar o Velocino, que foi o que me trouxe a esta terra.

Medeia. Ah, traidor Jason!

Creúsa. Não sei, Jason, se te creia.

Jason. Parece que ofendes ao mesmo amor, se não dás crédito aos meus extremos.

Canta Jason o seguinte

RECITADO

Não duvides, amor, desta constância,
pois com firme jactância
te adoro de tal sorte,
que sem temer a morte
dessa Medeia bárbara, homicida,
Não duvido entregar-te a própria vida.

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

ARIA A DUO

- Jason.* Meu bem, de que sorte
me hás-de pagar
meu ínclito ardor?
- Creúsa.* Amando até morte,
pois sempre hás-de achar
firmezas no amor.
- Jason.* Vê lá, não me enganes.
- Creúsa.* Vê lá, não profanes.
- Ambos.* Meu ínclito ardor.
- Creúsa.* Pois prometes ser constante,
essa mão, Jason, me dá.
- Jason.* Nunca às leis de um fino amante
meu afecto faltará.
- Creúsa.* Que farei, se te mudares?
- Jason.* Que farei, se me faltares?
- Ambos.* Em raio me abraze a fúria do amor.

Depois de cantarem, irão a abraçar-se e subirá um monte, que encobrirá a Creúsa, isto depois que Medeia disser o seguinte:

Medeia. Espera, ingrato, que eu te apartarei do bem que procuras. Montanhas, vingai as injúrias de Medeia. (*Vai-se*).

Jason. Que é o que vejo! Aonde estás, Creúsa? Quem de mim te desvia? Mas quem havia de ser senão Medeia?

Canta Jason o seguinte

RECITADO

Pois, tirana, inimiga, infiel Medeia,
apesar dos encantos dessa ideia,

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

hei-de ver a Creúsa, penetrando,
rompendo altivo, intrépido rasgando
desse monte as entranhas. Dize: onde
minha Creúsa bela em ti se esconde?

*Abre-se o monte e dele sai Medeia, e cantam ambos
a seguinte*

ÁRIA A DUO

Medeia. Traidor, ingrato amante,
mutável, inconstante,
suspende o teu desvio.

Jason. Oh, deixa-me; não queiras
tirar-me a liberdade,
que é livre o alvedrio.

Medeia. Pois sabe que há vingança,
que oprima uma mudança.

Jason. Não teme os teus rigores
quem busca em seus ardores
mais belo resplendor.

Medeia. Pois, bárbaro, perjuro,
verás o meu rigor.

Medeia. Tu com zelos me atormentas.

Jason. Tu com mágicas me violentas.

Medeia. Cal-te, ingrato.

Jason. Cessa, ímpia.

Medeia. Por que em ódio,

Jason. Em tirania.

Ambos. Se converta o meu amor

(Quer ir-se Medeia).

Jason. Espera, Medeia. Estou confuso!

Medeia. Deixa-me, ingrato e pérfido traidor.

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Jason. Não te vás, porque o meu amor...

Medeia. Não quero ouvir-te.

Jason. Sempre firme e sempre constante...

Medeia. Não tenho já que escutar as tuas falsidades, mas sim vingar as minhas injúrias, mudando o teatro das tuas delícias em campanha de Marte, e dize a Creúsa que te defenda. (*Vai-se*).

CENA IV

Muda-se de repente a mutação de jardim e fica de montes; tocam tambores e fica Jason.

Dentro. Arma, arma, guerra, guerra!

Dentro. Rei. Morra Jason, arma, guerra!

Jason. Quem se viu em mais perigoso transe!

Estou perdido e confuso, sem saber aonde estou e cercado de inimigos, e já me considero sem liberdade e sem Creúsa! Ó Medeia, quem nunca te conheceria!

Saem Teseu e soldados.

Teseu. Jason, que descuido é este? Como te deténs aqui, vindo El-Rei contra ti com um poderoso exército?

Jason. Oh, que a bom tempo vieste, amigo Teseu; pois confuso e turbado me considerava de todo perdido.

Teseu. Aonde está Creúsa, para nos embarcarmos?

Jason. Não sei dela.

Teseu. Pois que foi isto?

Jason. Não sei mais que ouvir dizer...

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Dentro. Arma, arma, guerra, guerra!

Teseu. Já nos não podemos retirar sem batalha, pois os inimigos nos cercam.

Jason. Pois ânimo, soldados; como valerosos, defendamos a honra e a vida.

Ao som de uma marcha sai o exército de El-Rei; e sai este e Telemon, e se põem uns e outros em forma de peleja.

Rei. Morra Jason! Toca a investir!

Telemon. Toca a investir, e morram estes traidores!

Investirão os dous exércitos, e o de Jason se vai retirando, e o do Rei sempre seguindo-o, e vão-se.

Jason. Retiremo-nos pouco a pouco, que a fortuna se nos mostra adversa.

Rei. Avante, soldados, que eles se retiram.

(Vão-se).

Sai Sacatrapo com capelo, espada e rodela, e haverá um cavalo em pé a um lado.

Sacatrapo. Esta empresa do burro caga-dinheiro não é tão fácil como a pintou Arpia; pois, penetrando a quinta de Creúsa, tudo quanto encontro são horrores, tudo o que ouço são tambores e quanto vejo tudo são corpos mortos. Que será isto? Mas eu cuido que a feroz formiga que guarda o burro despedaçou estes cadáveres; mas eu, como sou invisível, pelo privilégio deste capelo, bem posso triunfar gloriosamente, não só desta formiga, mas de quantas

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

há nos celeiros e confeitarias. Porém ali está o burro, se me não engano. O certo é que Arpia falou verdade; mas eu cuido que é um cavalo ginete, e Arpia disse que havia ser burro em carne e em osso; porém tanto monta ser burro como cavalo, pois tudo tem quatro pés; o ponto está em que cague bem dinheiro. Agora, valeroso Sacatrapo, é tempo de mostrar ao mundo o brio de teus avoengos; não tenhas medo de investir a furibunda formiga, exercendo valente o teu valeroso espírito. Animosamente me irei chegando ao burro e desafiando a formiga.

Canta Sacatrapo a seguinte

ARIA

Formiga feroz,
investe e verás
que te hei-de imprimir
na cara um gilvaz.

Não fujas veloz
da ira voraz;
mas, se fugires,
favor me farás.

*Ao querer chegar para o cavalo, saem dois
soldados.*

1º soldado. Prisioneiro, prisioneiro!

Sacatrapo. Com quem falará este soldado? Deve de estar doudo, pois está falando só.

2º soldado. Dê-se à prisão.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Sacatrapo. Ui! Parece que falam comigo. Não devem saber que eu sou invisível.

Soldado. Levemo-lo, ainda que seja de rastos.
Sacatrapo. Tenha mão, senhor soldado, que vossa mercê me não pode ver, porque eu sou invisível.

Soldado. Pois assim mesmo invisível o levaremos.
Sacatrapo. Espere, espere! Já que diz que me vê, como estou eu vestido?

Soldado. Estás com um trapo pela cabeça, à maneira de capelo.

Sacatrapo. Dar-se-á caso que Arpia trocasse o capelo de sua avó pelo seu?

Soldado. Rende-te já; se não, mato-te.

Sacatrapo. Senhor, uma vez que não sou invisível, já estou rendido de bruços, pernas e orelhas.

Ao levarem Sacatrapo, tocam um tambor e tornam a sair Jason e Teseu com alguns soldados e dizem dentro o seguinte:

Dentro. Vitória por EI-Rei!

Jason. Roto e desbaratado está o nosso exército! Que faremos, Teseu?

Teseu. Morrer como valerosos, que maior afronta é cair nas mãos do vencedor.

Sacatrapo. Não se admire, senhor Jason, que também a mim me não valeu o ser invisível, para deixar de ser visto, ainda que muito mal visto destes senhores.

Jason. Sacatrapo, que capelo é esse?

Sacatrapo. Isto é que estou viúvo, porque me morreu a esperança do burro caga-dinheiro.

Dentro. Vitória, vitória, guerra, arma, guerra!

COLECCÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Tornam a sair em tom de marcha El-Rei, Telemon e soldados.

Rei. Dá-te à prisão, Jason.

Jason. Não, enquanto tiver alentos o coração.

Rei. Não vês o teu exército desbaratado? Como ainda pretendes resistir?

Jason. Ainda resisto, pois ainda tenho alentos.

Sacatrapo. Isso me parece bem, senhor Jason! Morra Marta e morra farta.

Brigam e ao mesmo tempo pela sala de fora sairá Medeia em um carro tirado por dragões, a qual cantará o que se segue e ficará tudo às escuras; e, indo retirando-se o exército de Jason, se correrá a corrida, que dividirá os dous exércitos, ficando o de El-Rei no teatro, e isto enquanto passa Medeia e canta a seguinte

ARIA

Medeia. Suspende o furor,
irado Mavorte;
não sinta ele a morte,
pois lhe tenho amor.
Ao suspiro funesto
de tristes lamentos
socorram propícios
os quatro elementos. (*Vai-se*).

Rei. Para onde fugiram os inimigos?

Telemon. Parece que a terra os tragou.

Rei. Não reparas que se tornaram em opacas sombras as claras luzes do Sol?

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Telemon. Isto é cousa de encanto, ao que parece.

Rei. Claro está que é encanto e de Medeia. Ah, tirana filha!

Telemon. E que havemos fazer agora?

Rei. Manda tocar a recolher as tropas, pois que estão perdidas com a grande escuridade.

Telemon. Toca a recolher. (*Vai-se*).

Torna a ficar claro o tablado e se vai Telemon e soldados; fica El-Rei e sai Creúsa.

Creúsa. Confusa e perdida venho por estes montes, sem saber aonde estou, depois que a tirana Medeia me apartou dos braços de Jason. Ai, amor, quando terão fins os teus encantos?

Rei. Creúsa, tu aqui nesta campanha?

Creúsa. Não vos admireis, Senhor, que não sei aonde estou.

Rei. Pois quem te trouxe aqui?

Creúsa. Os encantos de Medeia, vossa filha, por causa de Jason.

Rei. Não me digas mais; já sei que essa tirana e ímpia Medeia vive namorada de Jason, e com as suas máquinas lhe entregou o Velocino.

Sacatrapo. Pois ainda agora o sabe? Mas Jason não tem culpa de aceitar o que lhe dão.

Sai Medeia.

Medeia. Aonde se recolheria Jason? Pois, cuidada da sua vida, o ando buscando; que, suposto seja ingrato, não posso negar o amor que lhe tenho.

Rei. Também tu, Medeia, vens a recolher os despojos da batalha?

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Medeia. Cuidadosa, Senhor, da vossa vida, venho a buscar-vos.

Rei. Ah, fementida filha, que com tanta tirania contra teu pai fabricas aleivosias! Já sei, tirana, que adoras a Jason e que também lhe entregaste o Velocino, ficando tu por sua fiadora sob pena de perderes a vida, e assim ...

Cantam a seguinte

ÁRIA A 3

Rei Em ti, pois, cruel Medeia,
vingar quero a minha dor.
Creúsa Pois, ó Rei, é tempo agora, executa o teu
rigor.
Medeia Pai injusto! Infiel tirano!
Que delito é ter amor?
Rei Meu furor vingar-se trata.
Creúsa Executa teu rigor.
Medeia Que delito é ter amor?
Rei Desta sorte, hidra humana,
meu estrago hei-de vingar.
Sentirá Jason também
o meu bárbaro furor.
Creúsa Mal teu golpe a lei reparte;
pois Jason que culpa tem?
Medeia Tendo a culpa de adorar-te,
tenha a pena de traidor.
Todos Sinta o golpe e chore
a pena quem me quer tiranizar.

No fim da primeira parte da ária, na segunda repetição, irá o Rei para matar a Medeia, e subirá do chão uma torre, sobre a qual se porá Medeia.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Medeia. Vê agora de que sorte hás-de vingar com iras o teu estrago.

Rei. Que é o que vejo? Eu te prometo, infiel Medeia, que me saiba vingar de ti, apesar dos encantos.

Medeia. Aleivosa Creúsa, algum dia eu me vingarei de ti.

Creúsa. Tarde ou nunca poderás.

CENA V

Sala. Sai Sacatrapo arrastando uma arca.

Sacatrapo. Muito pesa a caixa de Arpia! Ela parece que tem dentro bem miolo, que tanto custa a empurrá-la! Mas como é caixa da velha, já vejo que se não há-de mover com tanta facilidade. Sem dúvida esta Arpia logrou-me, dizendo que me dava um burro caga-dinheiro e um capelo que me faria invisível; mas tudo foi às avessas, porque o burro foi o invisível e eu o visível, para poderem prender-me. Não há maior desaforo! Que uma bruxa me mamasse os meus anéis, e eu ficasse chupando no dedo! Pois não há-de ser assim, que eu lhe hei-de arrombar a sua caixa e sacar-lhe os anéis e tudo o mais que achar nela; para o que, o melhor remédio será arrombar-lhe a fechadura. Algum dia era eu bom oficial de gazuas. Ora lá vão os tampos dentro, com mil diabos!

Ao abrir da caixa, sairão algumas cobras, que investirão a Sacatrapo.

Sacatrapo. Mas que vejo? Ai, quem me acode? Oh, miserável Sacatrapo, que aqui vieste dar a tua

ossada! À que del-Rei! Não há quem me acuda?
Não há quem ponha cobro* nestas cobras? Ai, que
me matam!

Sai Arpia.

Arpia. Que tens, Sacatrapo?

Sacatrapo. Que hei-de ter? Não vês estas espadas
como colubrinas, que me estão atravessando?

Arpia. Ai; Sacatrapo, não tenhas medo, que são
umas cobrinhas muito galantes, que costumam
brincar com os taralhões de dois pés.

Sacatrapo. Seja o que for, tira-me as cobras,
Arpia, e basta que fiques tu, que és uma
sanguixuga.

Arpia. Ora eu tas tiro! Olé, minhas meninas, ide
para dentro!

Vão as cobras para dentro da caixa.

Sacatrapo. Vê bem se se foram todas!

Arpia. Já se foram; não sejas medroso.

Sacatrapo. Agora, como se foram as cobras, já
não sou medroso.

Arpia. Porém tomara saber com que licença
vieste penetrar os profundos arcanos dos
escaninhos desta arca.

Sacatrapo. Não estejamos com arcas encouradas:
eu vinha buscar os meus anéis, já que me enganaste
com o burro caga-dinheiro, que tudo foi uma borra,
e o teu capelo mascaborra**, que em consciência
mos deves restituir.

(*) Outro trocadilho: *cobro* - *cobras*.

(**) *Mascaborra* - mais ca borra (mais que borra).

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Arpia. Ui! Que dizes, Sacatrapo? Isto não pode ser, mais que me pregues: basta que não achaste o burro?

Sacatrapo. Não só o não achei, mas eu fui o achado, porque não fui invisível.

Arpia. É que devias pôr o capelo às avessas; que, se o puseras às direitas, nem cegos te veriam.

Sacatrapo. Suponho que toda a virtude desse capelo é às avessas. O que eu sei é que fui visto, que me levaram prisioneiro e que escapei com a barafunda da briga, e assim te peço, à boamente, que me restituas o meu anel, bruxa, feiticeira e encantadora.

Arpia. Oh, maroto, marujo, mariola, se me falas mais em anéis, hei-de chamar as cobras. Ó minhas meninas, vinde e saí a castigar este magano.

Sacatrapo. Espera, *Arpia*; tem mão, que tudo te perdo.

Arpia. Pois ajuda-me a pôr a caixa em seu lugar, que eu não posso só, que tenho a espinhela caída.

Sacatrapo. Pois eu pouco poderei, que também sou potroso e adivinho quando há-de chover.

Arpia. Só não adivinhaste que haviam chover cobras sobre ti?

Sacatrapo. Como o achaque é antigo, o reportório é velho, e já não governa; e menos na conjuntura presente, que estava o Sol no signo de Escorpião, com influxos do Cancro dessa cara.

Arpia. Anda, empurra a caixa, e devagar, não se quebrem os meus tarecos.

(*) *Adivinho* - adivinho.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Sacatrapo. Olha, pelo menos tens um móvel bem moveção. Não te desfaças dele, porque posto a juro cobrarás bons réditos.

Arpia. Anda, levanta. Ai, minha espinhela!

Sacatrapo. Segura bem. Ai, minha geba!

(Vão-se).

Sai Creúsa.

Creúsa. Confusa, aflita e quase sem alma, venho, sem saber de Jason, depois que de meus braços mo levou a tirana Medeia; e depois da batalha que teve com El-Rei, não sei se morreria nela, e isso será o mais certo; pois vejo que não aparece. Ai, querido Jason, se a tua morte é certa, a minha será infalível! Que, como a ambos nos anima uma alma, por força nos há-de separar uma morte.

Canta Creúsa a seguinte ária e

RECITADO

Sorte minha cruel, fado inumano,
até quando, tirano,
cessará o rigor de tuas iras,
pois que vejo conspiras
a uma alma em triste abismo
o susto, a dor, a mágoa, o paroxismo?

ÁRIA

Se a Parca enfurecida
te usurpa a doce vida,
te irá buscar esta alma,
só para te animar.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Vem, pois, amor querido,
que o terno meu gemido
ao teu cadáver frio
alentos pode dar.

Sai Jason.

Jason. Minha Creúsa, rompendo impossíveis, atropelando dificuldades, coberto com o manto da noite, venho buscar-te, para que te embarques comigo, pois tudo está pronto e só por ti se espera. Assim, não te dilates, antes que nos pressintam.

Creúsa. Meu amor, não sei encarecer-te a alegria que tenho de ver-te; pois te julgava morto na batalha, vendo que não aparecias.

Jason. Um peito armado de amor pode resistir aos golpes de Marte.

Creúsa. Como entraste aqui, sem temeres as iras de El-Rei?

Jason. Se por amor de ti morrera, que melhor fortuna quisera? Porém não teme perigos um coração amante.

Creúsa. Muitas finezas te devo.

Jason. Folgo que o conheças. Vamos, meu bem.

Creúsa. Vamos, Jason. (*Vão-se*).

CENA VI

Montes e mar. Sai Teseu.

Teseu. Os soldados estão embarcados, e só Jason ainda não veio! Sem dúvida me dá cuidado a sua tardança.

Sai Jason, trazendo a Creúsa pela mão, e Sacatrapo com uma mala às costas.

Jason. Amada Creúsa, já que a noite e o silêncio nos favorecem, embarquemo-nos depressa, antes que as guardas nos sintam.

Creúsa. Com o susto e sobressalto, te não sei responder, querido Jason.

Teseu. Vem, Jason, que já me tinhas com cuidado.

Jason. Teseu, não pode ser menos.

Sacatrapo. Ora, senhores, todos sacaram o seu precioso; só a minha miséria sacou nesta mala Sacatrapos.

Jason. Anda, Creúsa. (*Vai-se*).

Creúsa. Vamos, Jason. Fica-te embora, Colcos. (*Vai-se*).

Sacatrapo. Adeus, ilha de Colcos, ou Cocles ou ilha dos Tortos, que me parece que me viste em jejum, pois tantas desgraças em ti padeci. Fica-te com Satanás, Medeia. Os diabos te levem, Arpia, a ti e ao teu capelo, que ainda levo atravessado na garganta o burro caga-dinheiro; e finalmente adeus, meus queridos anéis, que herpes dem* nos dedos de quem os trouxe.

Corre-se a corrediça de montes e aparece o mar e nele uma nau com algumas figuras dentro e sai Medeia.

Medeia. Nem Jason, nem Creúsa encontro. Mas que vejo! A nau de Jason, largando as velas ao vento, já quase desaparece! Ah, fementido! Ah, traidor, ingrato Jason! Desta sorte pagas as minhas finezas? Se buscas amor constante, deixa a Creúsa

(*) *Dem* - dêem.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

e leva-me a mim. E, pois os ventos te ensurdecem às minhas vozes, sereias canoras, saí desse mar e suspendei com afagos a meu ingrato amante, acompanhando os suspiros de uma infeliz.

*Aparecerão as sereias sobre as ondas do mar.
Canta Medeia a seguinte*

ÁRIA

Jason ingrato, atende;
pára, pára;
suspende o teu rigor;
e, se te leva o vento,
o vento te trará de meus suspiros.

Medeia e Ser. Farei por detê-lo
na rápida fuga
em rémora o canto,
corrente o meu pranto,
e íman o clamor.

Jason. Em grande perigo estamos; pois Medeia, para suspender-me, convoca em sua defesa* as sereias.

Teseu. Serás outro Ulisses.**

(*) *Defensa* - defesa.

(**) *Ulisses* - rei de Ítaca, um dos guerreiros gregos que estiveram no cerco de Tróia. Na sua longa viagem de regresso à pátria - assunto do poema *Odisseia*, de Homero -, venceu, graças à sua astúcia, enormes dificuldades, entre as quais o encanto das sereias. Para escapar às suas ciladas, ordenou aos companheiros o atassem a um dos mastros do navio e que cada um dos tripulantes tapasse com cera os ouvidos, para não serem levados ao desembarque, seduzidos pela harmonia das vozes.

Sacatrapo. Pois, senhor, as sereias não se fizeram só para os Ulisses; que, como elas estão no mar, qualquer pescador as pode encontrar e muito melhor sendo por encanto.

Jason. Pois usarei da mesma astúcia de Ulisses, mandando tocar tambores e clarins para confundir os canoros ecos das sereias; e, quando não, ainda cá levo o anel que Medeia me deu, para desfazer os encantos.

Sacatrapo. Se eu cá tivera o meu anel, fizera outro tanto.

Canta Medeia

Aonde vás, tirano?
Espera, espera;
atende as minhas fráguas,
pois se águas te levam
meus olhos te trarão com turvas
águas.

Med. e Ser. Farei por detê-lo (*Clarins e tambores*).
na rápida fuga
em rêmora* o canto,
corrente o meu pranto,
e íman o clamor.

Jason. Soldados valerosos, não cessem os belicosos instrumentos.

Sacatrapo. Metamos um prego aceso por cada ouvido, que é bom remédio para não ouvir.

(*) *Rêmora* (subs. fem.) - peixe, “portador de um disco elíptico, situado na parte superior da cabeça, o qual pode fixar-se nos grandes peixes e navios”.

Canta Medeia.

Não fujas, inumano;
ouve, ouve
estas finas jactâncias;
e se outro amor te leva,
te trarão deste amor as ternas ânsias.

Medeia e Ser. Farei por detê-lo (Com trompas e
na rápida fuga, tambores).
em rémora o canto,
corrente o meu pranto,
e íman o clamor.

Todos. Boa viagem.

Cantam só as sereias, sem trompas.

E pois a canora suave harmonia, não pôde atrair,
nem soube mudar de um peito traidor a vil tirania,
Com trompas. Receba-o Tétis nos braços do mar.
(*Vão-se*).

Todos. Boa viagem!

Sacatrapo. Vencemos as sereias também como
gente.

Todos. Boa viagem!

Medeia. Pois, ingrato, e cruel tirano, não te hás-
de jactar de que triunfaste das sereias; e, já que com
carinhos te não posso mover, agora será com
rigores. Ó Prosérpina,* ó deidades furibundas da

(*) *Prosérpina* - rainha dos Infernos, mulher de Plutão.

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

lagoa Stígia*, movei os elementos todos, para castigar a um fementido traidor! Raios, saí dessas nuvens e abrasai aquela nau.

Escurece-se o teatro com trovões e sai um raio de cima, que irá para o navio.

Medeia. Mas não, não, raios! Não abraseis a Jason; basta que me abrase a mim o raio de amor.

Torna o raio para onde saiu.

Medeia. Mas para que me canso em fazer finezas por um ingrato, se isso é aumentar troféus ao seu triunfo? Ondas, ventos, fúrias e mares, vingai por uma vez as injúrias de Medeia e as tiranias de Jason. (*Vai-se*).

Haverá tempestade, trovões e relâmpagos.

Todos. Misericórdia! Alija tudo ao mar!

Sacatrapo. Lá vai a mala cos diabos! Pois gabolhe eu, que o tubarão que a engolir não leva camisas para dez anos.

Todos. Misericórdia!

CENA VII

Árvores recortadas.

Dentro. Ao monte, ao vale, à selva. tó, tó!

(*) *Lagoa Stigia* (=Estígia) - a Estige, lagoa dos Infernos.

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA.

Saem El-Rei, Telemon e Arpia.

Rei. Suspenda-se o exercício da caça, até que descanse o coração deste cuidado. Telemon, que novas me dás de Jason?

Telemon. Saberás, Senhor, que Jason furtivamente esta madrugada se embarcou, e Creúsa também com ele, e leva o Velocino.

Arpia. Também Medeia não aparece, Senhor.

Rei. Haverá mais penas para um coração aflito?

Jason. Deuses, piedade! (*Dentro*).

Medeia. Deuses, rigores! (*Dentro*).

Rei. Que vozes tão encontradas são estas, que se escutam ao mesmo tempo iradas, e piedosas? Vai, Telemon, examinar o que é.

Saem por uma parte Jason, Creúsa, Teseu e Sacatrapo e por outra Medeia.

Jason. Deuses, piedade!

Medeia. Deuses, rigores!

Jason. Mas que vejo! Aonde estou eu?

Rei. Mas que vejo! Este é Jason!

Arpia. Aquele é Sacatrapo!

Creúsa. Que é isto, Jason? Estamos outra vez em Colcos!

Teseu. E nas mãos de El-Rei.

Jason. Estou confuso! Como pode ser isto, quando eu cuidei que estava em Tessália?

Sacatrapo. Não disse eu que este carneiro nos havia enterrar? E agora, Senhor Jason?

Medeia. Cuidavas, ingrato, que havias triunfar de mim?

Creúsa. Há maior desgraça!

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA.

Jason. Rei e Senhor, se um náufrago peregrino pode mover a compaixão, peço-te que te doas da adversidade da minha fortuna. Aí tens o teu Velocino, e também a...

Rei. Basta, Jason.

Sacatrapo. Se eu levava o burro caga-dinheiro, também o restituía agora com língua de palmo.

Rei. Jason, para que vejas que os Reis de Colcos sabem perdoar injúrias, assim, perdoando as que me tens feito, quero que cases com Creúsa, minha sobrinha, e te dou em dote o Velocino.

Medeia. Para isto trouxe outra vez a Jason? (*À parte*).

Rei. E castigando agravos, já que Medeia, indigna filha, infiel traidora, conspirou contra mim, entregando a Jason o Velocino, morrerá encerrada em uma torre, pois ela me ofendeu mais do que Jason.

Medeia. Pois não lograrás o teu intento! (*À parte*).

Jason. Prostrado a teus pés, te rendo as graças de tanto benefício. Agora, sim, amada Creúsa, que já te posso chamar minha.

Creúsa. Ainda não creio a minha fortuna.

Sacatrapo. Senhor, já que és tão liberal, peço-te que me cases com Arpia e me dês em dote o burro caga-dinheiro.

Arpia. Mamou-a, senhor Sacatrapo! Babau!*

Rei. Celebrem-se as bodas de Jason e Creúsa, e vá Medeia para a torre.

(*) *Mamar* – obter. - *Babau!* - acabou-se!

OBRAS COMPLETAS DE A. JOSÉ DA SILVA

Medeia. Pois antes que, ó pai cruel, executes o teu rigoroso intento e eu veja com meus olhos lograr-se este ingrato Jason com Creúsa, desesperada vagarei pela região do ar, já que na terra me falta socorro.

Voa Medeia em uma nuvem e canta o

CORO

Se amor é um encanto,
que inflama, &c.*

FIM

(*) *Se amor é um encanto, etc.* - É o coro com que abre e termina a cena V, e última, da Parte 1.